

PARQUE EDUCATIVO MANGUINHOS

APRENDIZAGEM E VIVÊNCIA COLETIVA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA
EM UM TERRITÓRIO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PARQUE EDUCATIVO MANGUINHOS

APRENDIZAGEM E VIVÊNCIA COLETIVA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA
EM UM TERRITÓRIO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

ESTUDO FINAL - AGOSTO/2021
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2 - 2020.2

WELLINGTON SANTOS | DRE 114090733
ORIENTADORA: GISELLE ARTEIRO NIELSEN DE AZEVEDO

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	p.04
2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	p.05
3. JUSTIFICATIVA.....	p.08
4. OBJETIVOS.....	p.09
5. DEFINIÇÃO DO OBJETO E CAMPO DE ATUAÇÃO.....	p.10
6. METODOLOGIA.....	p.13
7. PLANO DE TRABALHO.....	p.14
8. APORTES TEÓRICOS E PROJETUAIS.....	p.15
9. DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA.....	p. 25
10. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA.....	p. 37
11. APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA.....	p.42
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.59

RESUMO

O trabalho trata de um estudo sobre as potencialidades dos espaços na favela de Manguinhos como configuração de um território educativo, onde é proposta a requalificação do antigo silo, há muito tempo abandonado na área conhecida como DSUP. A transformação tem como objetivo a construção de um Parque Educativo, um equipamento de caráter público com objetivo de contribuir para a apropriação dos espaços de aprendizagem pela comunidade e estimular sua identidade. Funcionará como um novo centro comunitário, cultural e educacional, anexo à Biblioteca Parque e parceiro das escolas da região, aberto a todas as idades para realização de aulas, oficinas, atividades físicas, eventos e que também funcione como sede de projetos sociais e coletivos já existentes na comunidade.

Palavras-chave: Requalificação; território educativo; cultura; favela; parque educativo.



I- INTRODUÇÃO

No que se diz respeito à lógica de construção das grandes cidades brasileiras atualmente, podemos notar que os interesses e potenciais de desenvolvimento da infância e juventude não são vistos como prioridade ou, em alguns casos, são literalmente ignorados.

O direito à educação é garantido pela Constituição Federal segundo princípios de igualdade de condições para o acesso e permanência nas escolas. Porém, em cidades de crescente desigualdade social como o Rio de Janeiro, muitas crianças e jovens, principalmente nas favelas, encontram dificuldade em acompanhar o ritmo escolar devido ao meio social em que vivem e às adversidades que enfrentam no decorrer da vida. Diante dessa realidade, é necessário que o ensino se ajuste a novas tendências educacionais, de forma a superar a visão generalizada da infância e juventude que ignora as peculiaridades de cada situação, o contexto social e suas experiências no âmbito familiar e escolar, principalmente nas favelas e periferias.

O presente trabalho abre um diálogo sobre a importância do ensino integral e a relação das instituições com o território em que estão

inseridas, entendendo como território não apenas o espaço físico, mas também os saberes culturais locais, símbolos afetivos e vivências.

A favela de Manguinhos foi selecionada como recorte territorial deste estudo. Conhecida como a área da “Faixa de Gaza Carioca”, Manguinhos é marcada pela precarização das políticas públicas e configura uma área de vulnerabilidade socioambiental. Há anos a comunidade vem sofrendo com a violência dos conflitos armados e com os impactos de grandes intervenções que desconsideram as dinâmicas locais, como as obras do Programa de Aceleração de Crescimento PAC Manguinhos, por exemplo (LAMOUNIER, 2020).

Apesar desse lado marcado por uma realidade dura e pelas tragédias, em Manguinhos podemos identificar também espaços potencialmente educadores que poderiam contribuir para o desenvolvimento social de suas crianças e jovens, que representam uma parcela expressiva de sua população atual. Além de equipamentos públicos como escolas e a Biblioteca Parque – que acabaram sofrendo precarização devido à ausência de políticas de manutenção –, existem também espaços de grande valor afetivo para os moradores, como a Pracinha do Marcelo, a Horta Comunitária e o corredor gastronômico da Estrada de Manguinhos. Somando à essa força, os coletivos socioculturais locais também exercem uma importante função na apropriação desses espaços e lutam para dar voz às suas realidades e desconstruir a visão criminalizadora e distorcida que a sociedade tem sobre a cultura da favela.

Em áreas de constante risco como Manguinhos, a proposta de levar as atividades educacionais para além dos limites físicos da escola deve estar

acompanhada dessas relações estabelecidas entre a população local e o seu entorno, uma vez que os laços afetivos, o reconhecimento e o sentimento de pertencimento são fatores que facilitam a apropriação dos espaços e reduzem o medo (AZEVEDO; RHEINGANTZ; COSTA, 2020, p. 21).

A partir da identificação e análise das práticas sociais locais, é possível então mapear as potencialidades presentes em Manguinhos para a configuração de um território educativo, dado pelas dinâmicas e delimitações traçadas pelos próprios usuários nos espaços.

2- CONTEXTUALIZAÇÃO

A Zona Norte do Rio de Janeiro é caracterizada por seu tecido urbano consolidado e alta densidade demográfica. É nesta região que está inserido o bairro de Manguinhos, reconhecido por sediar a Fundação Oswaldo Cruz, instituição de referência nacional em microbiologia, em parasitologia e em saúde pública, mas também destaca-se pelo número de favelas com altos índices de violência e precariedade de saneamento básico.

A “Faixa de Gaza Carioca”, como é conhecida devido aos constantes confrontos entre os agentes de segurança do Estado e facções criminosas da região, teve sua ocupação dada ao longo do século XX por moradias populares que se instalaram devido a ações individuais e em grupos, ou por meio de políticas públicas habitacionais com um quadro que

confronta abandono do poder público e luta dos moradores. Na década de 1920 já surgiam propostas e planejamentos que contemplariam a região como um “bairro industrial urbanizado”, porém as ações de projeto limitaram-se apenas ao aterramento e construção de alguns conjuntos habitacionais. Até a década de 1970, várias indústrias e empresas públicas ou privadas foram implantadas em Manguinhos, lado a lado às ocupações por moradia que cresciam cada vez mais. Esse processo, no entanto, não visava a constituição de um bairro industrial aportado a um programa do governo, mas sim aos fatores econômicos, à desvalorização da área e proximidade ao centro da cidade. Nos anos seguintes, porém, a área sofreu com o esvaziamento econômico, uma vez que as indústrias que existiam em seu entorno foram extintas ou se transferiram para outras localidades na cidade. Ocorreu então um novo adensamento populacional e esses terrenos deram lugar a novas ocupações que formaram grandes conjuntos habitacionais informais. Até os dias de hoje, a região vem passando por um constante processo de transformações.



Figura 1: Localização de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

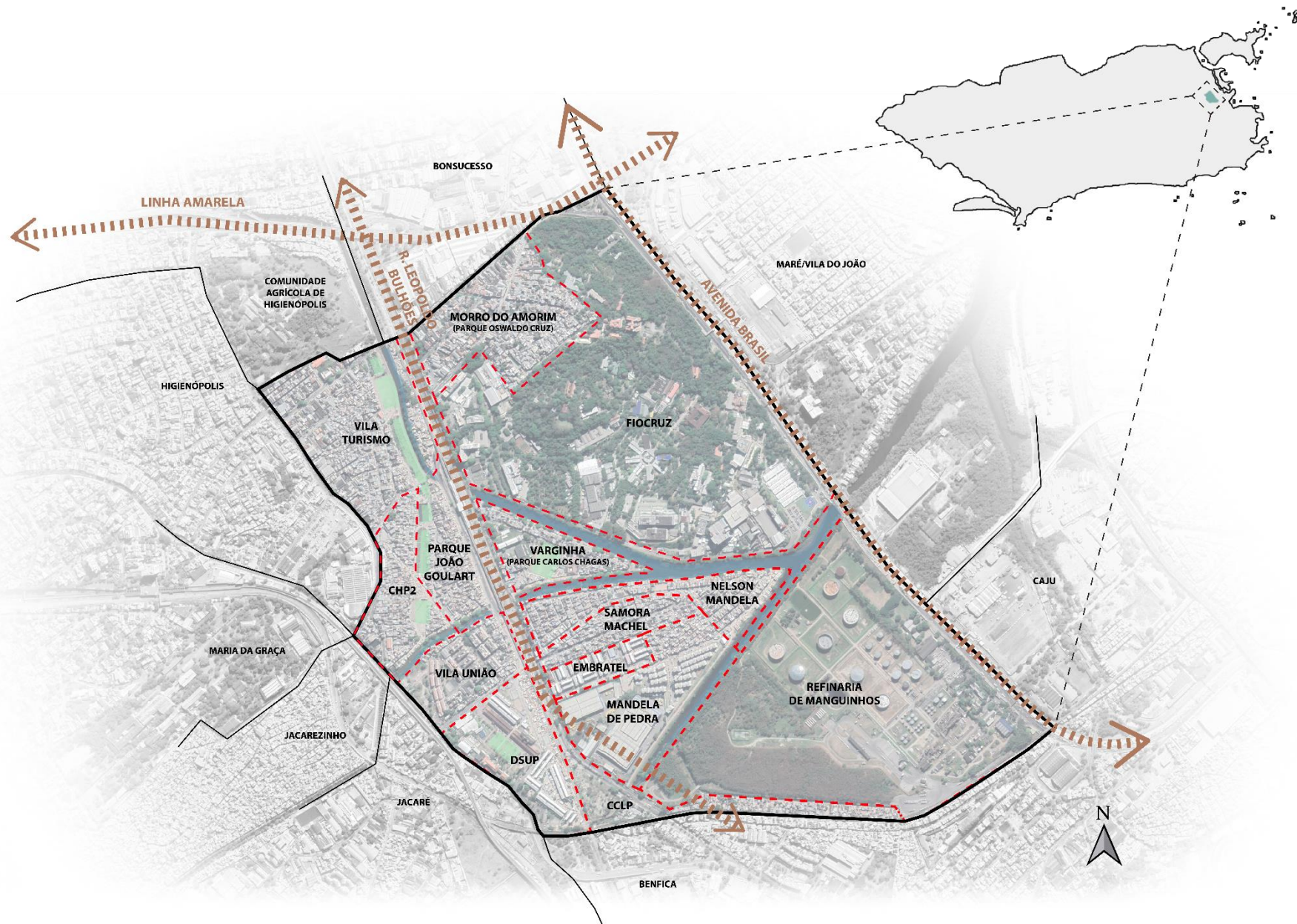


Figura 2: Delimitação do território de Mangueiros e suas subdivisões.
 FONTE: Google Earth, 2021; edições do autor.

Em 2008, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal chegou ao Complexo de Manginhos trazendo expectativa de redução do déficit habitacional, saneamento básico, geração de emprego, renda e lazer a mais de 50 mil pessoas que moravam lá. Segundo relatos, toda a premissa do projeto, idealizado pelo arquiteto Jorge Mario Jauregui, foi apresentada de forma muito otimista e debatida em reuniões com os moradores e representantes locais. Um sonho frustrado, pois a construção do projeto foi concluída de forma parcial e não atendeu às demandas mais prioritárias da população. Os impactos dessa intervenção foram muito graves para os moradores, que desde então sofrem com o agravamento das enchentes causadas pelo transbordamento recorrente dos rios Faria-Timbó e Jacaré. Outra grande consequência, muito comum a esse tipo de intervenção em favelas pelas políticas públicas, foi o processo de desapropriações e demolições que obrigaram os moradores a se realocarem e romper seus laços afetivos, recebendo indenizações que, na maioria dos casos, não eram suficientes para melhoria de vida em um outro lugar. Quebrada a promessa de melhorias e habitação para todos, o número de construções irregulares e em áreas de maior vulnerabilidade aumentou muito.



Figura 3: Lançamento do PAC.
FONTE: Acervo LTM, março de 2008.

Até mesmo a parte positiva do legado deixado pelo PAC, como a construção da Biblioteca Parque, a Casa da Mulher, e o conjunto habitacional na antiga área de depósito de suprimentos do Exército, conhecida como DSUP, sofreram com o abandono do poder público, degradando-se.

O Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila foi construído com a intenção de ser uma escola modelo e foi muito bem recebido pela comunidade. Conta com 14 salas de aula, laboratório de ciências e salas para eventos, com capacidade de atender até 2.500 alunos de nível médio e da educação de jovens e adultos. Ao lado, foi construído o primeiro espaço de recreação para a comunidade feita pelo governo estadual: um centro esportivo com um ginásio coberto, quadra poliesportiva, vestiários e até mesmo piscinas, com a missão de promover uma cultura saudável através dos esportes. Porém, em ambos os casos, a inexistência de políticas de utilização e manutenção resultou na degradação desses equipamentos. Hoje, o colégio funciona de forma precária e com poucos recursos, e o centro esportivo foi tomado e se tornou 'área de lazer' para os usuários de crack que vivem ali. Uma perda enorme para a juventude da comunidade, que necessita de uma unidade de ensino estruturada e capaz de promover a cultura para a redução da vulnerabilidade social.



Figura 4: C.E. Compositor Luiz Carlos da Vila.
FONTE: Acervo LTM, fevereiro de 2010.

3- JUSTIFICATIVA

Dentro do Complexo de Manguinhos existem diversas unidades de ensino, desde Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) até escolas de níveis de ensino fundamental e médio. Atualmente, esse número de escolas atende à demanda da comunidade e recebe até mesmo alunos de bairros vizinhos. Ainda assim, segundo dados do CENSO realizado em 2010 (POPULAÇÃO.NET, 2021), a maior parte da população não apresenta nem o ensino fundamental completo. Entre os jovens com média de 19 anos, essa taxa chega a cerca de 50%. Isso expressa a já conhecida insatisfação dos estudantes com o ambiente escolar, além, claro, das demais adversidades que tiram esses jovens da escola, geralmente para trabalhar ou irem atrás de outro modo de vida que seja mais eficaz à sua sobrevivência em áreas de vulnerabilidade social como Manguinhos.

Diante desse cenário, se faz necessário o debate sobre como a educação e a cultura podem agir como ferramentas de transformação social dentro da comunidade.

Entendendo que a educação e as demandas de crianças e jovens do século XXI não mais se sustentam apenas dentro da instituição escolar, é preciso pensar em maneiras de ultrapassar os limites dos muros e levar o processo de educação para todo o território, apropriando-se dos conhecimentos e cultura local como componentes do projeto pedagógico, reconhecendo outros parceiros no território da cidade, ampliando os espaços de vivência coletiva, atividades e formas de aprender.

A concepção de um território educativo, principalmente em uma área que sofre com a ausência de políticas públicas efetivas, deve ser encarada como grande importância para o desenvolvimento da juventude atual, que, em Manguinhos, representa a maior parte da população (segundo dados de 2010, grupos de 0 a 14 anos correspondem a 28,8% da população e 62,2% corresponde aos grupos de 15 a 64 anos). Esse público, assim como nas demais áreas de periferia da cidade, passa todos os dias por situações de vulnerabilidade como a falta de perspectiva de emprego, evasão escolar, pouco acesso às assistências sociais, violência e até mesmo a sedução exercida pelos comandos locais de tráfico de drogas.

Em resistência ao sistema racista e genocida que empobrece, criminaliza e mata os moradores das favelas e periferias no Brasil, em Manguinhos atuam diversos movimentos culturais e grupos que se manifestam com criatividade em busca de voz e espaço para se expressarem. Entre essas iniciativas, o Slam Manguinhos promove desde 2016 encontros para compartilhar poesias e produções de artistas da favela, resignificando e reocupando espaços onde jovens moradores de Manguinhos foram assassinados pela militarização e a violência do Estado. Essa luta vem de longa data, tendo como protagonista o grupo *Mães de Manguinhos*, que atua acolhendo as mães e familiares de jovens assassinados e lutando pela memória e justiça



Figura 5: Espaço ocupado pelo Slam, na 'Rambla' de Manguinhos. FONTE: Midia 1508, 2019.

dessas vítimas da política de segurança pública que sacrifica vidas jovens, negras e faveladas.

Outro coletivo de grande representatividade dentro da comunidade é o Pac'Stão, roda cultural difusora da cultura do rap e hip hop que vem exercendo a tarefa de reocupar os espaços e promover cidadania diante do sucateamento dos equipamentos que deveriam dar suporte à população. As rodas de rima acontecem na praça do DSUP, área que sofreu maior intervenção das obras do PAC, onde também é mais evidente a degradação por ausência de políticas públicas de manutenção para o pleno funcionamento dos equipamentos.

Esses grupos contribuem com reflexões sobre outras formas de viver além da dor, e buscam a visibilidade e o empoderamento da cultura local. Segundo Xandy MC, um dos organizadores do Pac'Stão, “a população que não lê com palavras, lê com imagens, sons e movimentos”. Em entrevista ao portal Rio On Watch (2019), ele ressalta também sobre a importância de ensinar aos jovens coisas que vão além do programa pedagógico das escolas. Esse pensamento traz à tona a importância de proporcionar um território capaz de educar de forma a ultrapassar os limites das instituições de ensino.



Figura 6: Apresentação do Pac'Stão na praça do DSUP.
FONTE: @jamalfotografia, 2019.

4- OBJETIVOS

Objetivo geral: Uma proposta arquitetônica de um centro comunitário, cultural e educativo através da requalificação de uma estrutura existente e atualmente degradada – no caso, o silo –, que contribua para o desenvolvimento social da comunidade e facilite o acesso à educação, cultura, artes, esportes, tecnologia e consciência ambiental para pessoas de diferentes faixas etárias. Esta estrutura irá integrar ao conjunto de equipamentos públicos sociais instaurados pelo PAC, legitimando um espaço de base para os movimentos e coletivos que atuam na comunidade.

Objetivos específicos:

- Reconhecer e mapear lugares potenciais para a configuração de um território educativo na comunidade;
- Debater a questão da atratividade e afetividade em territórios de conflito e vulnerabilidade socioambiental (LAMOUNIER, 2020);
- Ampliar os espaços de vivência coletiva para além dos muros das escolas e debater sobre como isso pode ser feito em áreas de confrontos armados;
- Levar suporte e visibilidade aos movimentos sociais e culturais existentes na favela;
- Implementação de novos parceiros das escolas que ofereçam atividades complementares ao currículo escolar;
- Refletir sobre os efeitos de novas alternativas para as crianças e jovens na favela que vivenciam situações de vulnerabilidade com a presença do tráfico de drogas e violência em seu dia a dia.

5- DEFINIÇÃO DO OBJETO E CAMPO DE ATUAÇÃO

O trabalho se debruça com maior ênfase na área conhecida como Condomínio DSUP, o terreno onde abrigava o antigo 1º Departamento de Suprimentos do Exército e onde se concentram a maior parte das obras realizadas pelo PAC.

Parte das construções da área do DSUP são datadas de 1914, quando serviam de armazém onde os suprimentos que chegavam pela antiga linha férrea eram estocados e distribuídos.

Com a chegada do PAC, a maioria dessas construções foram requalificadas e transformadas em equipamentos de apoio e desenvolvimento social da população. Essa área renasceu com a promessa de reintegrar toda a comunidade. Se antes era um local de acesso restrito ao Exército, hoje, suas praças, as escolas, a Biblioteca, a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), o conjunto habitacional, o Centro Esportivo, a Casa da Mulher e outros equipamentos que foram realizados com o investimento do Programa do governo federal são espaços vistos como potenciais para o exercício da cidadania (PIVETTA, 2012).



Figura 7: Área do DSUP durante etapa de finalização das obras do PAC.
FONTE: Perfil do Facebook.



Figura 8: Praça do DSUP, em frente à Biblioteca, após as obras.
FONTE: Jorge Jauregui/Divulgação.

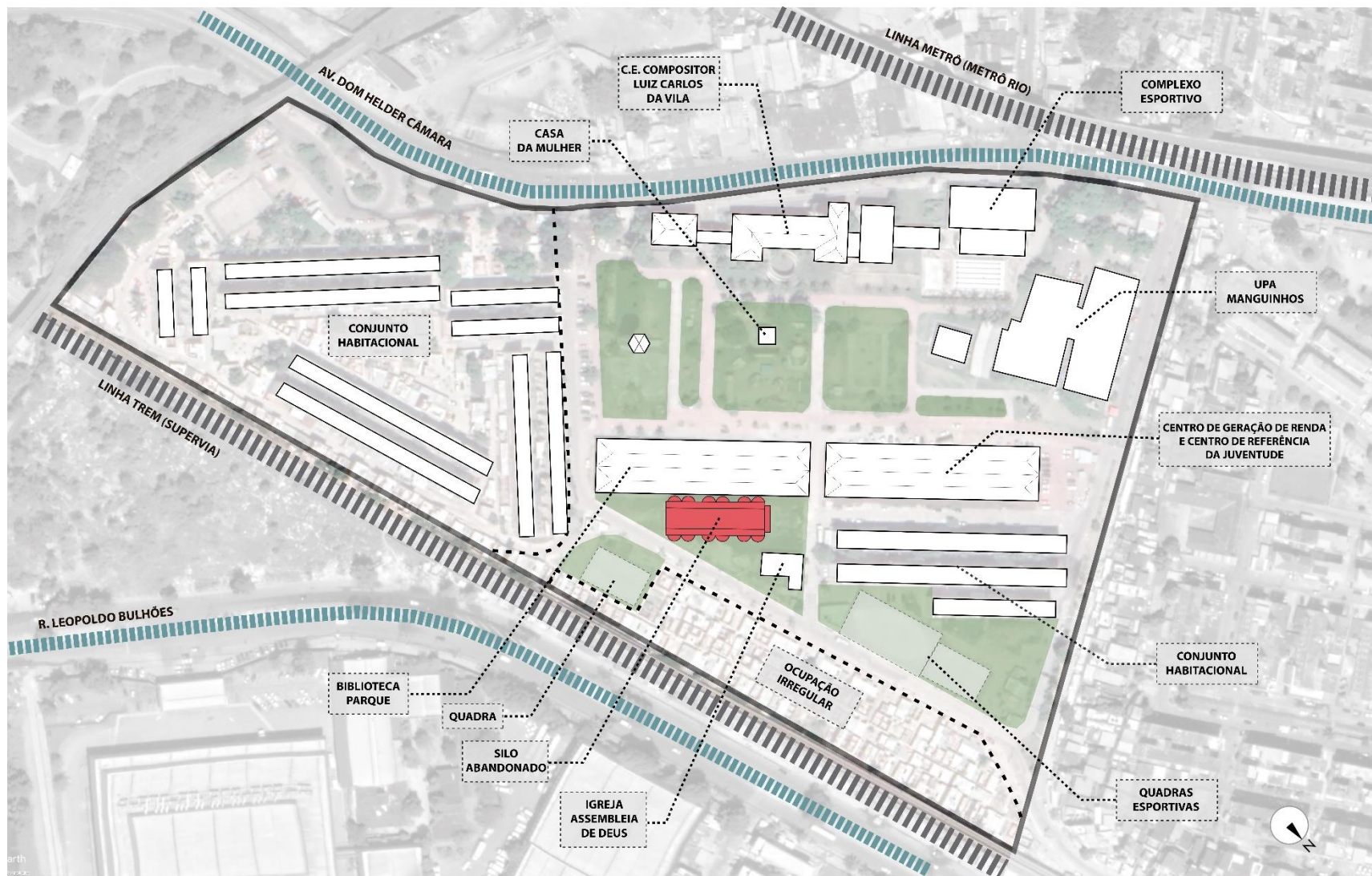


Figura 9: Vista aérea da área do DSUP.
FONTE: Google Earth, 2021; edições do autor.

Reconhecendo e mapeando esses pontos potenciais na região, propõe-se então a requalificação do antigo silo localizado junto ao galpão que hoje é a Biblioteca Parque de Manguinhos.

Este edifício se destaca na região devido a sua monumentalidade e altura em relação aos demais galpões, mas também por ser o único que não sofreu nenhuma intervenção. Apesar de haver projetos, como o idealizado pelo arquiteto Jorge Mario Jauregui para as obras do PAC, o silo de Manguinhos continuou abandonado e degradado no meio da área que pode ser considerada como a mais revitalizada na comunidade. O plano era transformar o edifício em um centro cultural multiuso, mas sofreu o corte do governo na execução das obras e continuou sem iniciativas de operação.

Com o passar dos anos, e os recursos e as políticas públicas de manutenção cada vez menos presentes, toda essa área foi se degradando. O silo chegou a ser utilizado pela Cooperativa de Reciclagem da comunidade, porém a falta de investimentos e abandono fez com que outros tipos de ocupação predominassem, como ponto de venda e consumo de drogas.

No final de 2019, o entorno imediato ao silo começou a ser ocupado também por construções irregulares e hoje grande parte do espaço livre foi todo tomado por casas de alvenaria e comércio local. Como consequência disso, essa área se tornou também um novo foco de confrontos armados.

A proposta de requalificação do edifício abandonado parte da elaboração de um programa que venha de fato beneficiar os usuários. Para isso, a análise das dinâmicas das práticas sociais locais é o fator mais importante. Com a definição do programa de necessidades, será feita, nas próximas

etapas, a setorização interna do edifício, aproveitando a estrutura existente.

Até o momento, não foi encontrada qualquer menção de tombamento pelas leis de preservação patrimonial do edifício, portanto serão propostas também novas aberturas nas fachadas que beneficiem a iluminação e ventilação natural em seu interior, mas de forma que não o descaracterize.

Além disso, propõe-se também pequenas intervenções nos espaços livres do entorno imediato, proporcionando melhores condições de uso para apropriação como espaços de encontro, cultura e educação, mas respeitando as ocupações existentes.



Figura 10: O antigo silo abandonado à esquerda e o começo das ocupações irregulares à frente.
FONTE: Hugo Costa, 2019.

6- METODOLOGIA

ETAPA DE INVESTIGAÇÃO:

- 1- Mapeamento de espaços potencialmente educadores e culturais dentro da região;
- 2- Pesquisa inicial de dados gerais;
- 3- Visita ao território*;
- 4- Análise de práticas sociais locais para elaboração do programa de necessidades.
- 5- Definição do recorte de intervenção;

* Diante das dificuldades acarretadas pela pandemia de COVID-19 desde março de 2020 e vigente até a data de elaboração deste trabalho, além de se tratar de uma área instabilidade e de recorrentes confrontos armados, não foi possível realizar novas visitas ao local.

ETAPA DE FUNDAMENTAÇÃO:

- 1- Fundamentação teórica: território educativo como ferramenta de transformação social;
- 2- Fundamentação teórica: apoio ao projeto;
- 3- Análise de referências projetuais.

ETAPA DE PRÉ-PROJETO:

- 1- Levantamento de informações técnicas da quadra e do edifício;
- 2- Setorização e estudos de configurações possíveis.

ETAPA DE PROJETO:

- 1- Elaboração do estudo preliminar;
- 2- Elaboração do estudo final.

7- PLANO DE TRABALHO

ETAPAS	ATIVIDADES	TFG 1																				TFG 2																			
		DEZEMBRO				JANEIRO				FEVEREIRO				MARÇO					ABRIL				MAIO				JUNHO					JULHO				AGOSTO					
		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4		
INVESTIGAÇÃO	Definição do recorte de intervenção	█	█	█	█																																				
	Pesquisa inicial de dados gerais					█	█																																		
	Análise de práticas sociais locais para elaboração do programa de necessidades	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█																														
	Mapeamento de espaços potencialmente educadores e culturais dentro da região					█	█	█	█	█	█	█																													
FUNDAMENTAÇÃO	Fundamentação teórica: território educativo como ferramenta de transformação social	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█																														
	Fundamentação teórica: apoio ao projeto									█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█																				
	Análise de referências projetuais									█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█																
PRÉ-PROJETO	Elaboração do programa de necessidades									█	█																														
	Levantamento de informações técnicas da quadra e do edifício													█	█	█	█	█	█	█	█																				
	Setorização e estudos de configurações possíveis													█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█																
PROJETO	Elaboração do estudo preliminar																					█	█	█	█	█	█	█	█												
	Elaboração do estudo final																													█	█	█	█								

PLANO DE INTENÇÕES

PLANO CONCEITUAL

BANCA TFG 1

ESTUDO PRELIMINAR

ESTUDO FINAL

FONTE: Elaboração do autor, 2021.

8- APORTES TEÓRICOS E PROJETUAIS

8.1- Educação e território

O conceito de Território Educativo (SINGER, Helena. 2015) parte do entendimento de que ruas, bairros e comunidades são espaços repletos de oportunidades educativas que fortalecem o desenvolvimento local e dos indivíduos. A palavra “território” por si só já é complexa de ser conceituada. Um dos principais conceitos usados hoje sobre território foi o apresentado pelo geógrafo Milton Santos. Segundo ele, o território é o espaço apropriado e transformado pela atividade humana.

Ele tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, Milton. 1999, p. 8)

A definição de Milton Santos também é defendida pela socióloga Iara Rolnik (2014, apud SINGER, 2015, p. 11) que diz que

O território é produto da dinâmica social onde se tensionam sujeitos sociais. Ele é construído com base nos percursos diários trabalho-casa, casa-escola, das relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo da vida, dos dias, do cotidiano das pessoas.

O Território Educativo, portanto, é validado pela própria relação com a comunidade, de forma que para além de suas funções tradicionais, reconhece, promove e exerce um papel educador na vida das pessoas. Nos Territórios Educativos, as diferentes políticas, espaços, tempos e atores são reconhecidos como agentes pedagógicos, capazes de apoiar o desenvolvimento do potencial humano, assim assumindo como função a formação integral de crianças, jovens, adultos e idosos. Nesse sentido, a escola é a parte articuladora do processo educativo, mas assume o território como campo de pesquisa, currículo e lugar de estudo, abrindo-se à comunidade e envolvendo-se às questões locais.

Trazendo esse conceito para grandes cidades brasileiras como o Rio de Janeiro, um dos maiores desafios se dá em como estabelecer o diálogo com espaços que se configuram como opostos à escola. Como derrubar os muros das instituições se o lado de fora se mostra hostil e desfavorável a qualquer tipo de aproximação? A seguir, são mencionados alguns exemplos precedentes onde o resgate e o incentivo ao sentimento de pertencimento e ações envolvendo educação, cultura e a própria comunidade conseguiram ser transformadores, fortalecendo os territórios.

8.1.1- Escola Parque:

A Escola Parque foi um plano concebido por Anísio Teixeira em 1950, na época diretor do INEP, que alcançou grande repercussão no Brasil e em diversos outros países, sendo até hoje citado como um dos mais inovadores projetos pedagógicos.

Nomeada Centro Educacional Carneiro Ribeiro, a proposta foi instalada no bairro Liberdade, em Salvador, Bahia, um local sem os mínimos investimentos de infraestrutura urbana e população predominantemente pobre naquela época. Teixeira defendia a educação integral não apenas como forma de instrução, mas como uma questão de socialização e preparação para a cidadania, de forma a estimular o senso crítico e a construção coletiva de saberes.

Na inauguração da escola, em seu discurso, o educador anunciou o que fora idealizado para a instituição:

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive. (TEIXEIRA, 1959, s/p).

A instituição idealizada por Anísio Teixeira não seguia um programa arquitetônico isolado, pois o autor enxergava a escola como um potencial centro comunitário e olhava para os interesses da própria comunidade em que estava inserido. Sua estrutura era constituída por pavilhões: o da Escola Parque e os das Escolas-Classe. A Escola Parque era destinada às atividades educativas complementares, como trabalhos manuais, educação artística, educação física e outras atividades que estimulavam a socialização. Nas escolas-classe, se desenvolviam as atividades do eixo curricular tradicional. Durante um turno a criança estudaria nas escolas-classe e no outro turno, na escola-parque. Nesse período, a criança receberia assistência médica e cuidados como alimentação e higiene.

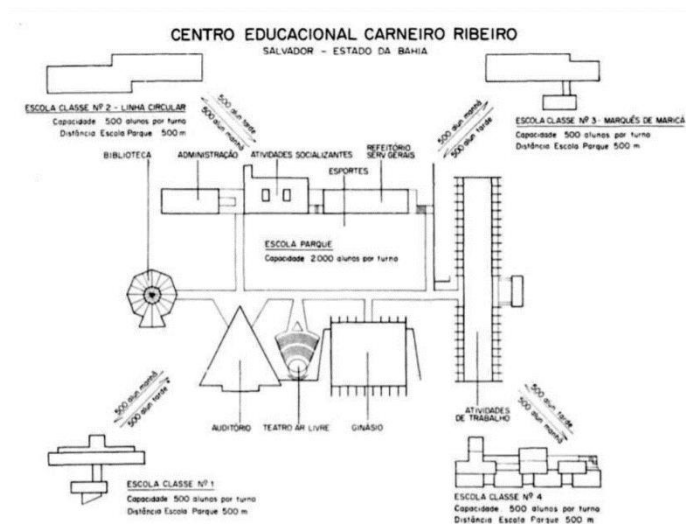


Figura 11: Esquema de implantação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, Salvador, Bahia. FONTE: TEIXEIRA, 1962.

Com a construção de Brasília como nova capital do país, viu-se a oportunidade de afirmar a proposta da Escola Parque como uma política pública de educação. Junto com Brasília, deveria surgir uma nova forma de educar. Porém o projeto enfrentou dificuldades devido ao seu alto custo de construção e manutenção e não conseguiu ser difundido com os mesmos princípios do plano original. O modelo tentado na capital do Brasil acabou ficando muito inferior às expectativas de seu idealizador, e outro fator que influenciou nisso foi a descontinuidade dos modelos de políticas públicas de ensino no país e nos estados, que sofrem mudanças conforme as trocas de governo.

Apesar disso, o legado de Anísio Teixeira continuou sendo referência para muitas outras iniciativas de remodelação educacional implantadas no país, como o programa Escola Integrada, em Belo Horizonte (MG), implantado em 2006 e o Bairro-Escola, em Nova Iguaçu (RJ), no mesmo ano. Esses e outros programas trouxeram o território para o centro do debate sobre a formação de crianças e adolescentes no Brasil.

8.1.2- Parque Educativo:

A ideia do Parque Educativo foi muito difundida na Colômbia, país conhecido como referência mundial em incentivos a projetos educacionais transformadores, a maior parte deles na cidade de Medellín. No período de 2012 a 2015, o governo do departamento de Antioquia, se dedicou ao combate às desigualdades por meio da educação,

colocando em prática o plano de implantar 80 Parques Educativos em seus municípios.

O conceito é definido como a criação de um equipamento de caráter público aberto a todas as idades, um local de encontro e desenvolvimento sustentável pensado com a colaboração entre arquitetos, moradores e entidades administrativas.

A proposta começou a ser inserida em áreas marcadas pela violência e tráfico de drogas, combatendo esses estigmas com a ação da própria comunidade. Através de simples reuniões, a população expressou seus desejos e necessidades a respeito do projeto educativo e arquitetônico por meio de textos e desenhos.

O Parque Educativo procura se integrar à paisagem e ao espaço público do entorno, tornando-se uma extensão do mesmo, um lugar que contribui não só com as questões acadêmicas, mas também sociais e culturais. O projeto é uma aposta na educação pública de qualidade, ciência, tecnologia, empreendimento, inovação e cultura, seguindo diretrizes compostas pelos princípios de inclusão, participação, identidade, apropriação e relevância.

Um bom exemplo desse equipamento é o Parque Educativo de Remedios, projetado pelo escritório colombiano Relieve Arquitectura. Localizado na região nordeste de Antioquia, Remedios se caracteriza pela presença de problemas de ordem pública, violência, desigualdade social e criminalidade. Em seu território são evidenciados processos urbanos de invasão, arquitetura vernacular como palafitas e lajes aéreas, e recursos naturais devastados por sua atividade econômica principal - a mineração informal.



Figura 12: O Parque Educativo ao fundo à direita no contexto em que está inserido.
FONTE: Isaac Ramirez, 2015.

O edifício é um projeto que responde ao contexto e a cultura própria do município. É um espaço democrático, aberto e que convoca a comunidade ao diálogo, compartilhamento de ideias e conhecimento, gerando oportunidades de desenvolvimento para a população. Esse equipamento público é emblemático e flexível, não sendo apenas um espaço para a integração social mas também, um novo símbolo na memória tradicional e cultural do município.

Foi proposta uma edificação que se desenvolvesse em somente um nível, garantindo assim a acessibilidade para todos, além de estabelecer uma conexão mais direta entre as quatro salas de aula requeridas, sendo duas

de formação, um ateliê e uma sala de informática, e os espaços administrativos, de serviço e técnicos. Toda a distribuição interna é direcionada estrategicamente à principal vista, estabelecendo assim uma relação constante com o exterior.



Figura 13: Espaço de reuniões comunitárias dentro do Parque Educativo. FONTE: Isaac Ramirez, 2015.

8.1.3- Nave do Conhecimento:

Embora o Brasil seja considerado um dos países mais conectados à Internet do mundo, a desigualdade social é um forte fator que exclui a maioria da população mais pobre. Como forma de reverter esse cenário, a cidade do Rio de Janeiro iniciou em 2012 o projeto Nave do Conhecimento em áreas carentes da cidade. Com cinco unidades iniciais, o projeto visou criar um polo de inclusão digital, saúde, educação e cultura.

Atualmente, há nove unidades em bairros da Zona Norte da cidade e seus 400m² incluem área de estudo, biblioteca digital, sala de aula, espaço para oficina, galeria digital e cinema aberto. O lugar é frequentado por pessoas de todas as idades que vão desde estudantes, a professores, moradores da região e visitantes.



Figura 14: Visada externa da Nave do Conhecimento, unidade Madureira.
FONTE: Joana França, 2013.

Além de criar um conceito que alia o design e a tecnologia, os usuários tem acesso às obras da comunidade e de parceiros. Crianças interagem com aplicativos educativos que estimulam os sentidos e desenvolvem o raciocínio lógico e a curiosidade. Trabalhos criados nas oficinas de filmagem e fotografia também podem fazer parte do acervo, bem como fotografias e filmagens de eventos importantes da comunidade em que se localizam as respectivas unidades. Também são oferecidas aulas sobre ecologia, tecnologia, conhecimento científico e planejamento urbano. Há ainda a oferta de outros cursos de capacitação como web design, empreendedorismo, Photoshop, informática, cursos de tecnologia da informação, vídeo popular, introdução ao desenvolvimento de Games, robótica, entre muitos outros. Tudo isso oferecido gratuitamente à população.



Figura 15: Espaço interno da Nave do Conhecimento, unidade Madureira.
FONTE: Joana França, 2013.

Inserindo os meios tecnológicos no cotidiano, o projeto Nave do Conhecimento busca democratizar o acesso à informação e ao conhecimento de novas formas de aprendizagem, promovendo a inclusão social por meio da inclusão digital.

Seu conceito arquitetônico sustentável revela em sua estética tecnológica o conteúdo de seu programa e sua agenda político-educacional. Além da solução formal, foi criado um objeto que pode envolver emocionalmente as pessoas, estimulando a identidade da comunidade e resgatando o sentimento de pertencimento e valorização das mesmas.

8.2 – Cultura em áreas de vulnerabilidade social

Considerando a cultura como algo que diz respeito às vivências das pessoas no ato de criar e conhecer o mundo, a partir de semelhanças e diferenças que são construídas em suas histórias de vida, a sua relação com o território envolvido é evidente. Pode-se entender a cultura como a prática de apropriação e uso do território, onde estão presentes os símbolos, os percursos, as memórias, os valores, e por meio dela se geram os usos e a sua identidade. É no território que a cultura ganha sua dimensão simbólica e material, abrindo as possibilidades de sua apropriação como conceito e a sua visibilidade como prática social (BARBOSA, 2006).

O Brasil é um país admirado por sua diversidade cultural e produção artística, e, apesar de ser constatado uma falta de acesso à cultura à grande parte da população, mesmo em áreas que sofrem uma grande vulnerabilidade social, como as favelas, a cultura e a arte se mostram presentes como forma de expressão e resistência, diretamente ligadas às lutas pelo direito à cidade.

Grafite, passinho, rap, funk, teatro, rodas de samba, são algumas das manifestações culturais presentes dentro das favelas e afirmam as características de um grupo que, através da arte, sobrevive e mostra ao mundo que a favela, mesmo sofrendo com todas as negligências do Estado, produz conteúdos muito importantes para a reflexão humana, além do potencial como produtora cultural (COELHO, 2018).



Figura 16: Jovens portando equipamentos de fotografia, fazendo alusão à armas. (FONTE: JR, 2008)

Segundo estudo do projeto Solos Culturais da organização Observatório de Favelas (2013), a maior parte dos produtores de cultura nas favelas do Rio de Janeiro são organizações da sociedade civil local que se sustentam com recursos próprios, geralmente insuficientes para manter e/ou oferecer continuidade às suas atividades. Essa realidade resulta na limitação de suas potencialidades criativas e socializadoras devido ao não reconhecimento de seu trabalho como iniciativa cultural relevante para ser incorporado à imagem de empresas e à do próprio marketing político estatal (BARBOSA, 2014).

Mesmo diante de todas as dificuldades financeiras e das violações de direitos, centenas de projetos continuam sobrevivendo, acreditando na cultura e na educação como ferramenta para transformação social e luta contra o estigma que cerca a cultura favelada como distorcida ou criminalizada.

8.2.1 – Cine Taquara: cinema de graça na praça

O bairro da Taquara, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, é caracterizado pela verticalização e pela crescente perda do caráter comunitário. Foi um dos bairros afetados pelas obras de mobilidade urbana, recebendo um dos corredores do BRT Transcarioca e três estações, projeto que dividiu o bairro e modificou drasticamente sua paisagem (SELDIN et. al, 2019). Na estação principal, que leva o nome do bairro, a grande passarela de acesso gera um recorte espacial não projetado que se configurou em um vazio urbano cercado por muros em plena região central do bairro. E é lá que dois jovens, moradores da região

de Jacarepaguá, inconformados com as longas distâncias percorridas para ter acesso a dispositivos culturais tradicionalmente concentrados no Centro e Zona Sul, resolveram intervir.

E assim nasceu o projeto Cine Taquara, um evento itinerante que acontece desde 2017 e desenvolve um papel de grande importância para a cultura e juventude local. Trata-se de um cinema de rua aberto, criado com o intuito de reduzir a carência de eventos e espaços de cultura da região. Tem como objetivo, além do lazer para a comunidade, aproximar os moradores com a arte e incentivar a consciência social através da exibição de filmes independentes e curtas metragens, e ocupar espaços ociosos do bairro. O projeto conta também com aulas e oficinas, rodas de conversa, apresentações de poesias, exposições de artes plásticas, shows de artistas autônomos e diversas outras atrações culturais de forma gratuita a fim de despertar a cidadania, desenvolver o senso crítico e assim, transformar a comunidade.



Figura 17: Sessão do Cine Taquara. (FONTE: André Ronin/Facebook)

Os temas abordados nos eventos tratam da resistência, da memória e da cultura negra, do racismo, da consciência ambiental e do feminismo, entre outros, e atrai um público variado, porém predominantemente jovem. Isso reflete sua preocupação em constituir, além de um espaço cultural e informativo, um local de unificação e reaproximação de artistas e empreendedores locais, que ali podem também expor e comercializar seus produtos.

Sem o apoio de instituições ou do governo, são utilizados equipamentos emprestados e energia elétrica fornecida pelos camelôs locais para a realização dos eventos. Mesmo assim, a determinação e a vontade de expressão vem transformando aquela área em um espaço de reflexão, encontro, sociabilidade e manifestação artística, incentivando os moradores a acharem sua voz (SELDIN et. al, 2019).

8.2.2 – Espaço Cultural Casa Amarela

A Casa Amarela é um centro comunitário e espaço cultural localizado no alto do Morro da Providência, a primeira favela do Rio de Janeiro. O espaço é um exemplo de como a educação e a cultura podem resistir e serem transformadoras mesmo em áreas de grandes conflitos.

Fundada em 2009 pela ONG CAN ART CHANGE THE WORLD? INC, sob idealização do artista plástico francês JR, a Casa Amarela atua como centro cultural e artístico para seus moradores por meio de oficinas e aulas dirigidas por artistas locais, moradores, ativistas e professores da Providência e diversos outros voluntários do Brasil e do mundo. Com

colaborações de instituições culturais e apoio de doações locais e internacionais, o espaço oferece atividades artísticas, culturais e educacionais para todas as idades. São oferecidas aulas de arte como desenho, pintura, colagem, grafite, e também aulas de inglês e francês, poesia, fotografia, macramê, teatro, capoeira, hip hop e dança afro, ioga, aulas de culinária, entre outros. Essas atividades são usufruídas por cerca de 140 pessoas que frequentam o lugar, entre crianças, adolescentes e adultos, depois de irem à escola ou trabalho. O lugar ficou tão conhecido que já recebeu visitas de personalidades como Madonna.

A Casa atua como ferramenta de combate à exclusão social, trazendo experiências, conhecimentos e autoestima para a comunidade. Assim, aumenta-se as oportunidades para o futuro, tendo a arte como base e fornecendo um ambiente no qual a criatividade e a liberdade de expressão possam tentar reduzir a marginalização de quem tenta se inserir na sociedade.



Figura 18: Fachada da Casa Amarela, no Morro da Providência. (FONTE: Marc Azulay/Divulgação)

Além de tudo o que o espaço representa, a Casa também é muito emblemática por sua arquitetura. O sobrado todo pintado de amarelo recebe em sua fachada uma intervenção artística que o diferencia de tudo ao redor. Mas o que realmente desperta a atenção de todos é a grande lua instalada no alto da casa. A obra é de autoria do próprio JR e foi construída para hospedar os artistas e outros tipos de colaboradores que vem de longe para oferecer uma das inúmeras atividades que ocorrem na Casa. A Lua se tornou um símbolo para a comunidade, podendo ser vista de vários pontos da região central da cidade, e carregando um significado de esperança e transformação dentro de uma favela.

8.2.3 – Biblioteca Parque

O conceito de Biblioteca Parque surgiu em Medellín, na Colômbia, como ferramenta de resgate social. Medellín, que já foi considerada uma das cidades mais perigosas do mundo devido a ação do narcotráfico, guerrilhas e milícias, colocou em prática uma série de medidas para promover o desenvolvimento social e combater a violência, por meio, principalmente, da educação e da cultura. A população infantil e jovem teve foco (mas não exclusividade) nesse processo, pois eram os mais vulneráveis na conjuntura socialmente negativa que envolvia violência e violação dos direitos humanos.

As Bibliotecas Parque foram implantadas pelo Governo Municipal nas periferias, áreas de maior fragilidade social, sendo um equipamento público assim como os Parques Educativos. Esse processo foi feito com

significativa participação dos agentes locais, ou seja, a própria comunidade, o que justifica o seu sucesso. O objetivo era ser além do que uma biblioteca convencional, mas que se transformasse em centros de cultura, lazer e capacitação para a população. Enquanto espaços de gestão participativa, as bibliotecas contribuem para a formação da identidade comunitária e memória afetiva, permitindo que a população se aproprie e se sinta responsável pela sua preservação.

As edificações implantadas na cidade colombiana também se destacam pelo seu grande impacto arquitetônico. Foi feito um grande investimento para que essas obras tivessem um caráter icônico, atribuindo à arquitetura a capacidade de funcionar como dispositivo de fortalecimento político (CAPILLÉ, 2017).



Figura 19: Espaço interno da Biblioteca Parque Espanha em Medellín, Colômbia. (FONTE: Sergio Gómez/Divulgação).



Figura 20: Biblioteca Parque España em Medellín, Colômbia. (FONTE: Sergio Gómez/Divulgação).

Inspirado pelos modelos da Colômbia, o Governo do Estado do Rio de Janeiro implantou na cidade o seu próprio projeto de Bibliotecas Parque, primeiro em Manguinhos e em seguida na favela da Rocinha. Assim como no país vizinho, a motivação para a implantação das Bibliotecas Parque tinham como plano de fundo a questão da violência e contexto de vulnerabilidade social da população. E a experiência de fato ganhou a aprovação do público.

Seguindo a ideia de participação local, na Rocinha, por exemplo, a Biblioteca tem até cozinha por sugestão dos moradores, e, em Manguinhos, uma sala de cinema, já que na região não há cinema nem teatro. Além disso, o acervo de livros das Bibliotecas também é incrementado com títulos relacionados às demandas da população.

Essa estrutura, tanto em Medellín como no Rio de Janeiro, ajudou a transformar a realidade de muitas pessoas, que passaram a ter maior estímulo à leitura, ter acesso à internet como forma de aprendizagem, realizar atividades culturais e compartilhar conhecimentos com toda a comunidade.



Figura 21: Espaço interno da Biblioteca Parque de Manguinhos. (FONTE: Facebook da Biblioteca/Divulgação)



Figura 22: Biblioteca Parque da Rocinha. (FONTE: Facebook da Biblioteca/Divulgação).

9- DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

9.1- Mapeamento de potencialidades e símbolos afetivos

Para a criação de um novo centro que contribua para o desenvolvimento social por meio de experiências em comunidade, é preciso entender as relações entre as operações já praticadas e o território. A seguir, serão pontuados os principais locais que representam potencialidades como espaço educador, cultural ou que são reconhecidos como locais que resgatam o sentimento de pertencimento para os moradores. São esses espaços que poderão contribuir para a configuração de um território mais educativo e integrado. Além disso, são apontadas também algumas das escolas que poderão usufruir desses novos espaços como parte do projeto pedagógico.



Figura 12: Silo de Manguinhos, onde será feita a maior parte das intervenções. FONTE: Bruno Machado, 2016.

- **Biblioteca Parque:**

Atualmente, é o principal equipamento público voltado para o desenvolvimento e cultura da comunidade. Há muito tempo vem sofrendo com a falta de verba do governo para manter seu pleno funcionamento, mas já abriu suas portas para um grande número de pessoas, entre crianças, adolescentes, adultos e idosos. É um espaço que foi muito abraçado pela comunidade e coloca seu acervo à disposição da população, assim como realização de atividades culturais, incentivo a práticas de leitura e inclusão digital.



Figura 24: FONTE: Jorge Jauregui/Divulgação.

- **Horta Comunitária:**

Considerada a maior horta comunitária da América Latina, o projeto funciona desde 2013 transformando a vida dos moradores da região com geração de emprego, além de oferecer alimentos saudáveis por um preço acessível ou doados. A horta foi instalada em um local que



Figura 25: FONTE: Perfil do Facebook.

antes abrigava uma cracolândia, mas atualmente rende uma produção de cerca de 2 toneladas de alimentos e emprega 21 hortelãos, incluindo homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

É um local de grande potencial para atividades educativas para toda a comunidade, como conscientização da importância da produção sustentável de alimentos, manuseio e plantação.

- **Praça do Marcelo:**

Local de muito simbolismo afetivo e de atratividade para os moradores. Uma praça construída pela própria comunidade em uma área de torres de alta tensão, que surge da necessidade por sistemas de espaços livres. É um local de convergência entre importantes eixos de conexão, como a estação de trem, o pequeno largo da Igreja de São Daniel e a conhecida Estrada de Manguinhos, repleta de estabelecimentos comerciais.



Figura 26: FONTE: Giselle Arteiro.

- **Campo de futebol 'society':**

Importante local para estímulo de práticas esportivas (futebol), mas também um lugar de memória com grande valor emocional para os moradores. É ali que o movimento Mães de Manguinhos ergueu um monumento em homenagem aos mais de 10 jovens que foram assassinados pela polícia durante operações. Representa um espaço de sociabilidade, mas também um lugar de luta pela justiça e memória.



Figura 27: FONTE: Perfil do Facebook.

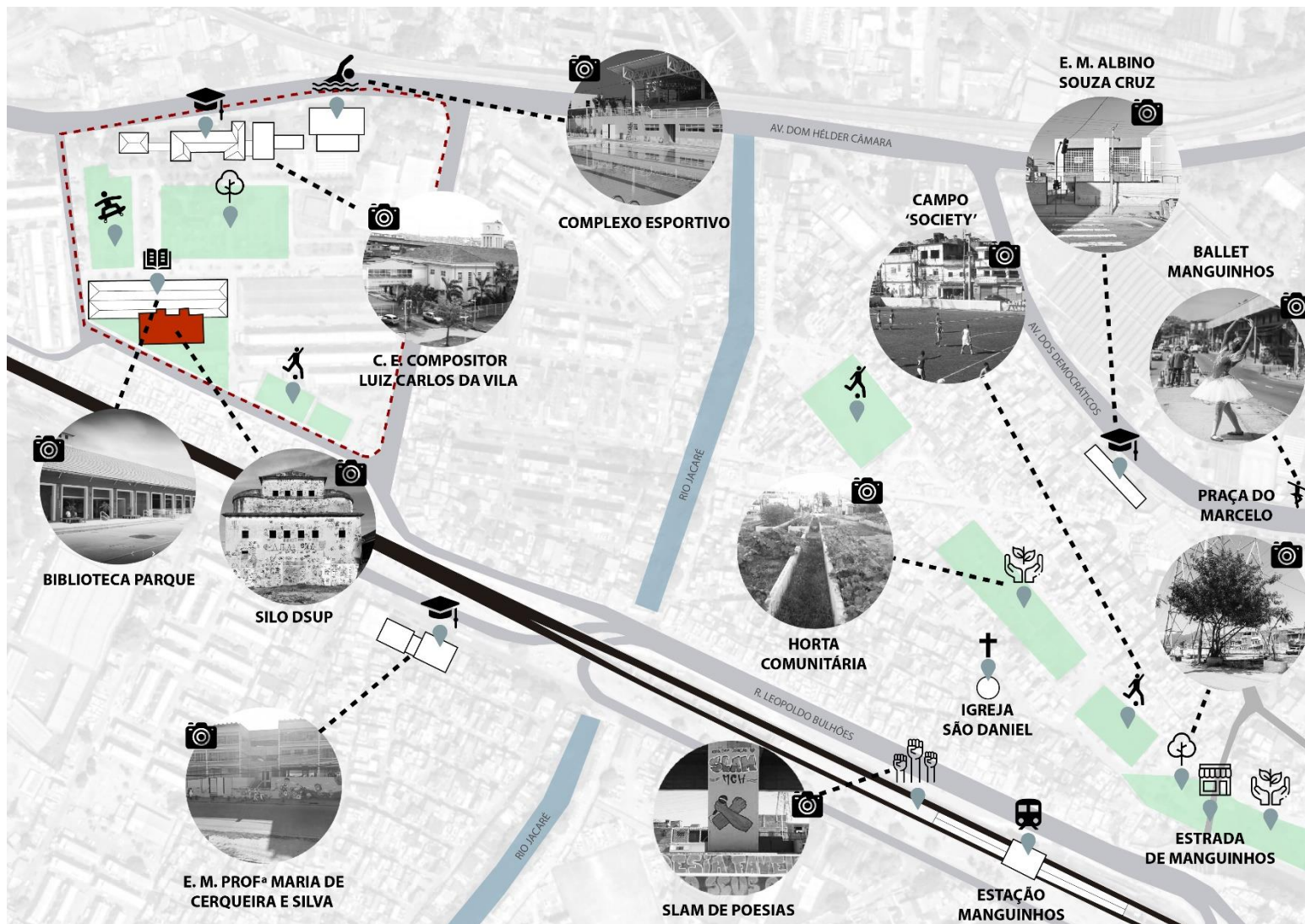


Figura 28: Mapa de potencialidades de Mangueiros.

FONTE: Elaboração do autor, 2021; com fotos de Google Earth, Rio on Watch, perfil do Facebook e Alex Lamounier.

9.2- Diretrizes de projeto

Partindo das premissas estabelecidas com base na análise das atividades locais e dos aportes teóricos e projetuais, é proposto a criação de um novo núcleo capaz de articular, juntamente com as potências locais, um território que permita novas formas de aprendizagem e vivência coletiva.

A intervenção atua com foco maior na requalificação do antigo silo, adotando o conceito de Parque Educativo fazendo conexão direta à Biblioteca, onde o programa de necessidades estabelecido procura complementar o já existente. Além disso, propõe-se também a criação de um anexo para dar continuidade às atividades da Cooperativa de Catadores que já chegou a atuar no local, trazendo conscientização ecológica e sustentável para a comunidade.

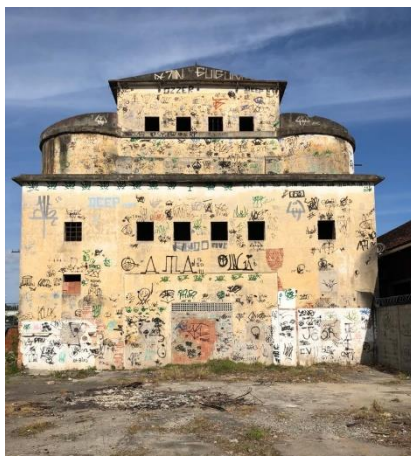


Figura 29: Fachada do silo.
FONTE: Giselle Arteiro.

E assim, a requalificação do espaço livre público, hoje residual, também é considerada como extrema importância para estabelecer relações entre essas construções e permitir a apropriação com novas atividades e encontros.

Para possibilitar a criação desse espaço livre de interação junto ao Parque, é proposta também a realocação da Igreja Assembleia de Deus, que hoje ocupa (irregularmente) uma parte da quadra onde o projeto será

desenvolvido. Apesar de, provavelmente, ter sido implantada junto com o movimento de ocupações irregulares naquela região, é incontestável a importância da presença desse tipo de espaço religioso para muitos moradores. Portanto, a ideia é manter o seu funcionamento, porém de forma que beneficie também o sistema de espaços livres públicos da área. Desta forma, o templo passa a dividir espaço com uma das quadras esportivas existentes, onde também é prevista uma remodelação para que não sejam necessárias quaisquer remoções.

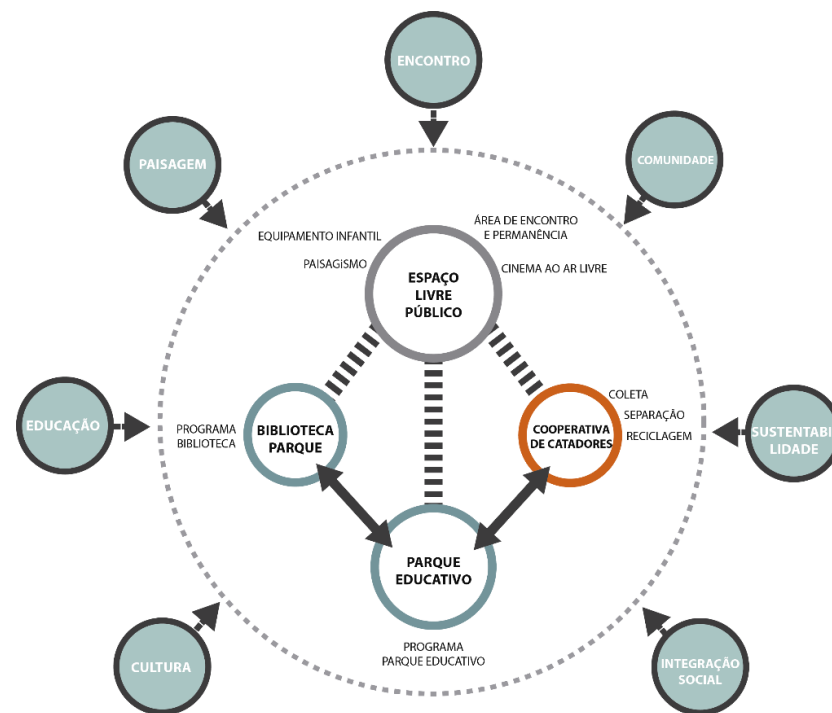


Figura 30: Diagrama Território Educativo
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

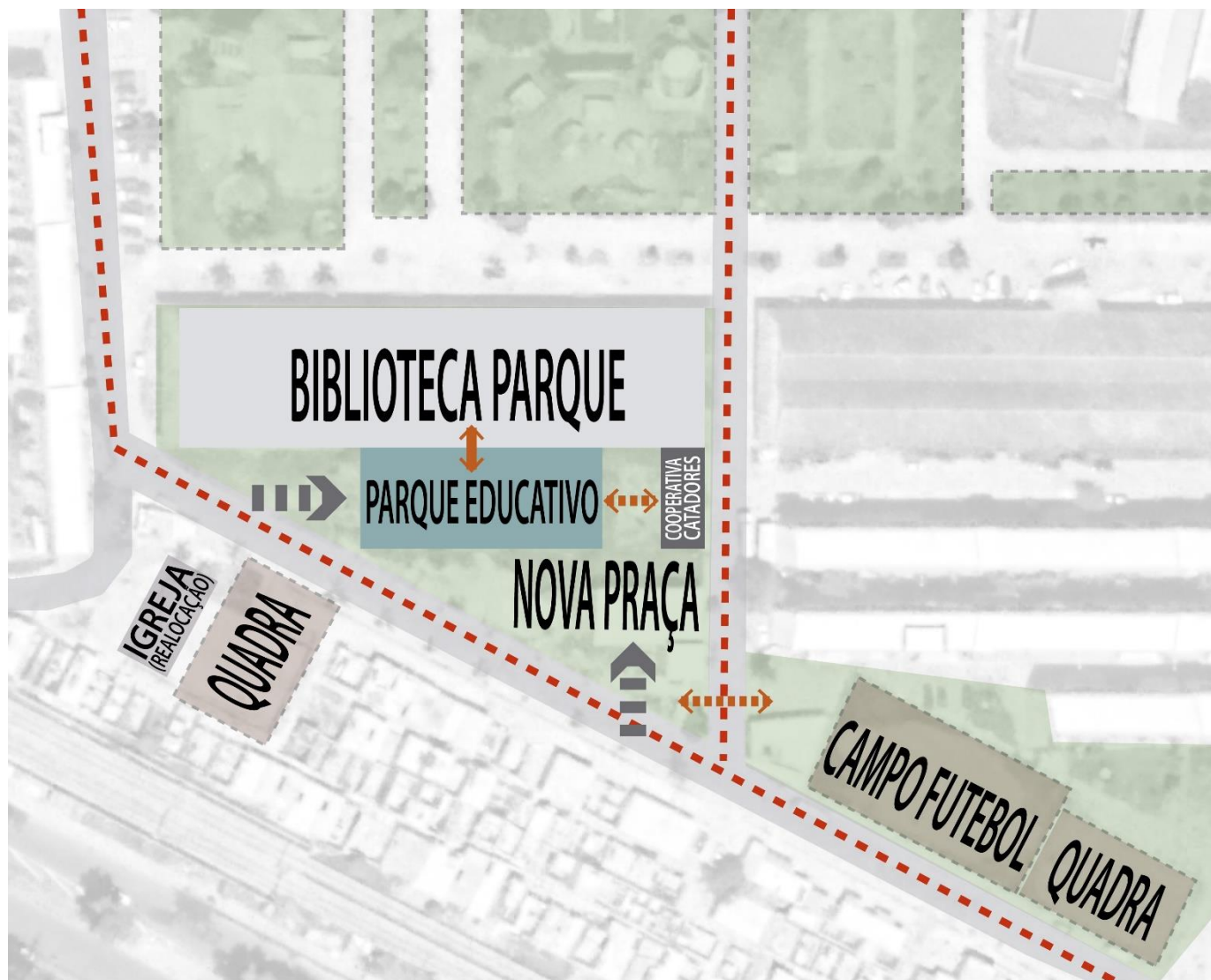


Figura 31: Diagrama de diretrizes projetuais.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

9.3- Programa de necessidades

SETOR	AMBIENTE	QTDE.	ÁREA MÍN. ESTIMADA	DESCRIÇÃO	ÁREA DO SETOR
SÓCIO-PEDAGÓGICO	Térreo livre (acesso)/Espaço de exposições	01	300m ²	Espaço versátil para apropriação como ponto de encontro, exposição de trabalhos artísticos e realização de eventos culturais.	1.350m ²
	Cozinha educativa	01	70m ²	Cozinha equipada para realização de atividades de conscientização sobre os aspectos nutricionais dos alimentos e trabalhos com resíduos.	
	Sala de aulas	08	25m ²	Salas convencionais para realização de cursos, aulas de reforço escolar, etc.	
	Sala multimídia	01	70m ²	Sala equipada com computadores, tablets e outros eletrônicos para potencializar o aprendizado através do acesso à internet.	
	Ateliê multiuso	02	45m ²	Sala versátil para realização de oficinas.	
	Midioteca	01	90m ²	Extensão do acervo da Biblioteca Parque com implementação de outras formas de registros da informação (mídias digitais).	
	Sala de música	01	45m ²	Sala equipada com instrumentos musicais para realização de aulas e um pequeno estúdio de gravação.	
	Auditório	01	80m ²	Espaço para paletas e/ou reuniões comunitárias com maior número de pessoas.	
	Sala de teatro e dança	01	70m ²	Sala ampla e versátil para realização de aulas mais dinâmicas.	
	Sala de reuniões	01	35m ²	Espaço de uso específico dos organizadores dos grupos socioculturais atuantes na comunidade.	
Terraço	01	300m ²	Área aberta de convivência e realização de eventos.		
APOIO	Sala de equipamentos	01	25m ²	Espaço para guardar equipamentos frequentemente utilizados pelos grupos culturais, como caixas de som, microfones, banners, etc.	185m ²
	Espaço comunidade	02	25m ²	Sede dos grupos socioculturais atuantes na comunidade e veículos de comunicação locais.	
	Cantina	01	20m ²	Espaço interno para venda de alimentos (lanches e refeições).	
	Sanitários	06	15m ²	Pelo menos 2 por andar, divididos entre masculino e feminino.	
ADMINISTRATIVO	Recepção	01	10m ²	Balcão de atendimento e identificação para o acesso.	95m ²
	Sala de administração	01	30m ²	Espaço de uso específico dos administradores do Parque, com copa e banheiro.	
	Sala de funcionários	01	45m ²	Espaço de apoio aos funcionários, com copa, vestiário e banheiro.	
	Almoxarifado	01	10m ²	Integrado à sala de administração.	
SERVIÇOS	Depósito	01	15m ²	Espaço para armazenagem de suprimentos, equipamentos de manutenção e peças de reposição.	20m ²
	DML	01	2,5m ²	Armazenagem de materiais de limpeza.	
	DTL	01	2,5m ²	Depósito temporário de lixo.	

ÁREA TOTAL 1.650m²

9.4 – Setorização

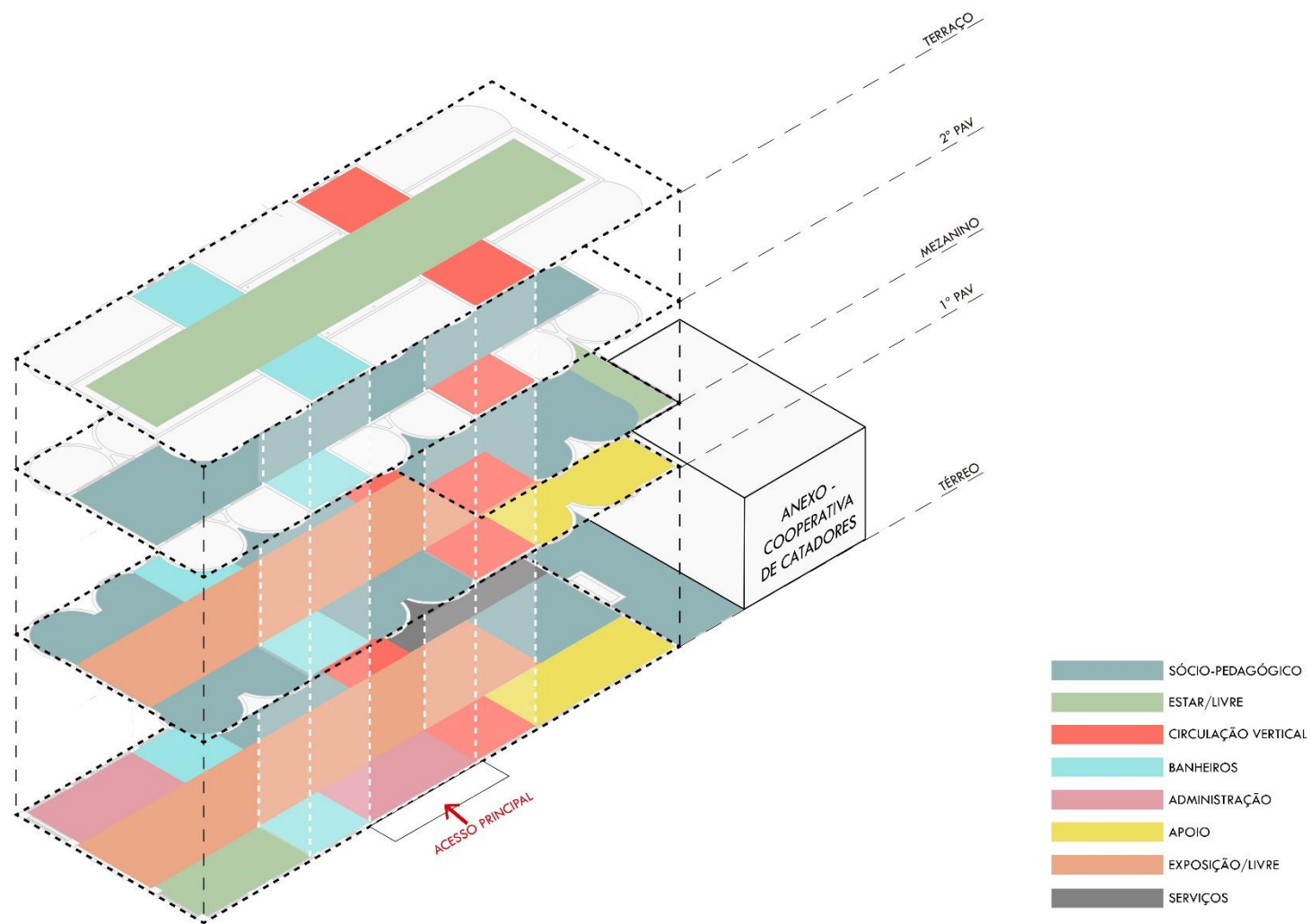


Figura 32: Diagrama de setorização interna.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

9.5 - Levantamento de informações técnicas*

*Diante das dificuldades acarretadas pela pandemia de COVID-19 desde março de 2020 e vigente até a data de elaboração deste trabalho, além de se tratar de uma área instabilidade e de recorrentes confrontos armados, não foi possível realizar novas visitas ao local. Portanto, esse projeto toma como base mais atual informações fornecidas por moradores parceiros, pesquisa autoral sobre a região, levantamento arquitetônico através do projeto do arquiteto Jorge Mário Jauregui (disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/reciclagem-silo-manguinhos.html>, jul. 2021) e compatibilização com fotos do acervo pessoal, encontradas na internet e fornecidas por parceiros.

Cercado por três vias secundárias de acesso e saída da comunidade, o edifício do antigo silo divide a quadra trapezoidal retangular com a Biblioteca Parque de Manguinhos. Com o avanço das ocupações irregulares na região a partir do ano de 2019, o espaço livre que restava na quadra passou a ser visto como uma área de possível ocupação por parte da população e do poder paralelo, e hoje comporta também uma unidade da Igreja Assembleia de Deus.

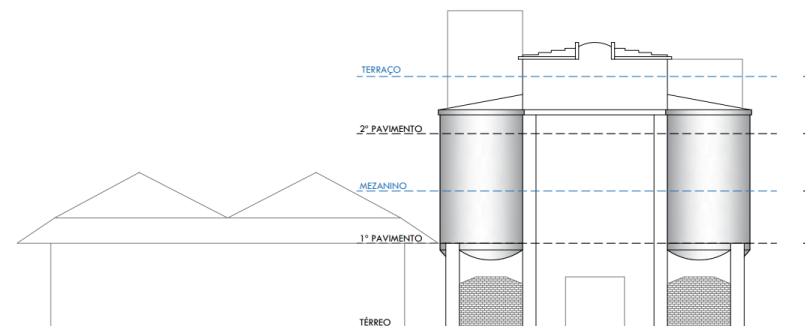


Figura 33: Fachada frontal do silo. Sem escala.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

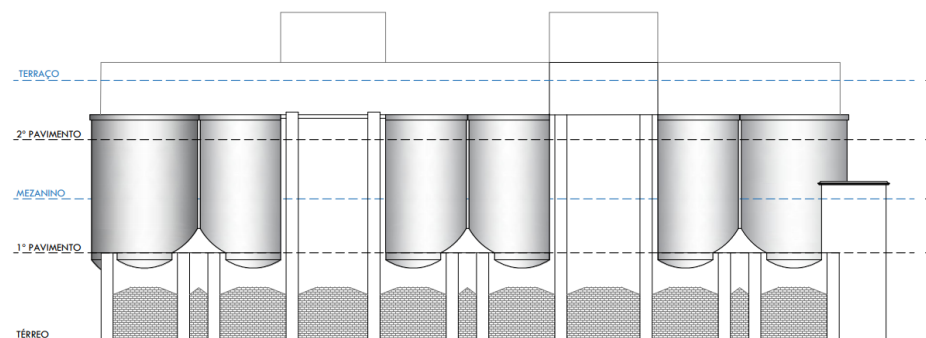


Figura 34: Fachada lateral do silo. Sem escala.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

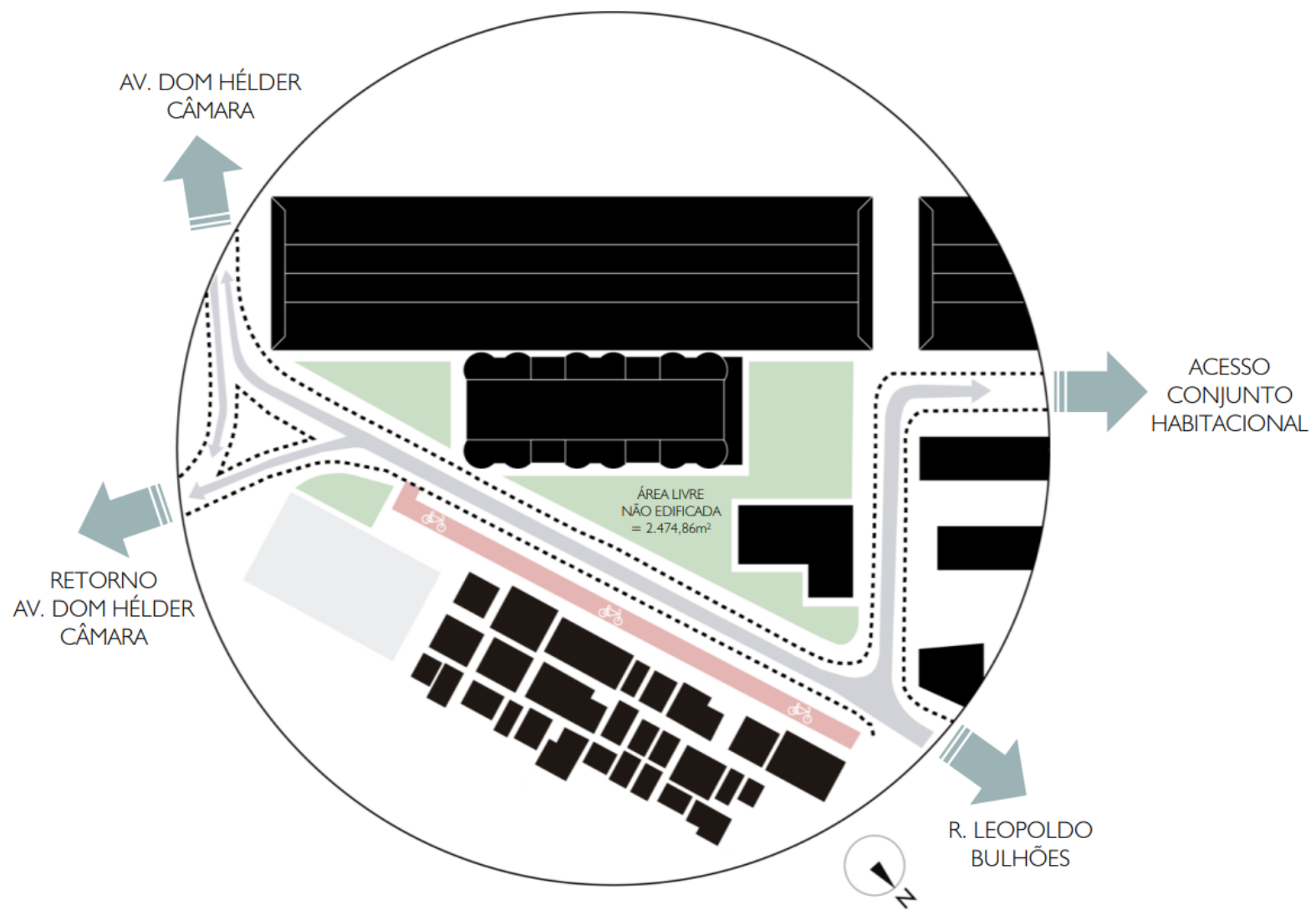


Figura 35: Diagrama da área de projeto.
 FONTE: Elaboração do autor, 2021.

9.4- Referências projetuais

9.5.1 – Sesc Pompeia, São Paulo

Inaugurado em 1986, o Sesc Pompeia é um projeto da renomada arquiteta Lina Bo Bardi e é uma das principais referências de requalificação arquitetônica do Brasil, reconhecida também no exterior. O projeto se trata da transformação de uma antiga fábrica de tambores em um complexo de lazer e cultura e é hoje considerado um dos espaços de convivência mais democráticos da cidade de São Paulo.



Figura 36 Solário do Sesc Pompeia.
FONTE: Veja Sp 2017/Divulgação.

Apesar da icônica estética do conjunto de edifícios, o que aqui se destaca como maior referência é a maneira como trabalhou a arquiteta. Lina Bo Bardi construiu o complexo a partir de uma estrutura existente, de forma que sua intenção foi preservar a aparência original e sua história como parte da história da própria cidade. A arquiteta iniciou um processo para recuperar as paredes, retirando o reboco e os elementos que foram adicionados com o passar dos anos, resgatando assim a essência original de sua tectônica. A própria linguagem arquitetônica das novas edificações, erguidas em concreto armado em uma escala completamente diferente, reforçava o lado fabril e industrial do conjunto, por mais que gerasse choque com o seu contraste em relação à composição de galpões de tijolinhos e telhas de barro, de forma que o espaço foi totalmente transformado, porém sem apagar a sua história progressa.

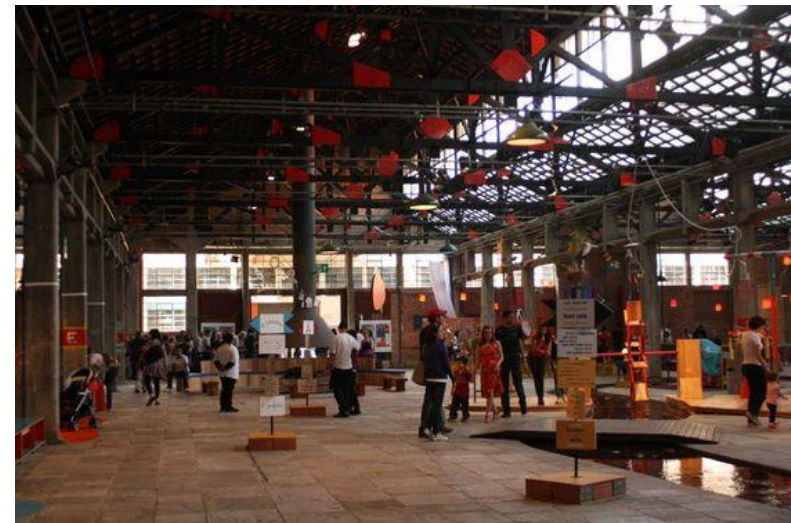


Figura 37: Galpão de convivência do SESC Pompeia.
FONTE: Eduardo Pierrotti Rossetti

9.5.2 - Reabilitação do espaço público da Unid. Habitacional de San Pablo Xalpa, Azcapotzalco – México

O projeto foi concebido pelo Estúdio de Arquitetura Rozana Montiel, em 2016, para a reabilitação do espaço público entre as unidades habitacionais do bairro mexicano, que antes eram setorizadas por muros e grades de ferro que os habitantes levantaram com o tempo para definir os limites de suas unidades e que não permitiam um aproveitamento do espaço público disponível. Isso gerava um problema de integração social e tinha o efeito oposto ao que se pensava, aumentando a sensação de insegurança, uma vez que as barreiras se tornavam obstáculos. Anteriormente, era comum os moradores daquela área implementarem, por exemplo, coberturas temporárias para realização de eventos e reuniões, como extensão dos apartamentos. O diálogo com essas pessoas foi fundamental para a elaboração desse projeto, que concordaram com a retirada das barreiras e resultou na instalação de estruturas cobertas e modulares, que criam áreas de recreação e convivência.



Figura 38: Espaços de convivência criados pela estrutura implantada. FONTE: Sandra Pereznieto.

Os módulos são construídos em estrutura metálica de aparência leve, onde cada lado é equipado para diferentes atividades. A integração do espaço é dada por uma praça que parece flutuar no solo, composta de áreas permeáveis para árvores existentes, que oferecem sombra enquanto se misturam com as coberturas dos módulos. A requalificação trouxe uma mudança na percepção do espaço público aos moradores, que passaram a ocupá-lo com vida social, agregando identidade e um novo caráter.



Figura 39: Área de projeção criada em um dos módulos.
FONTE: Sandra Pereznieto.

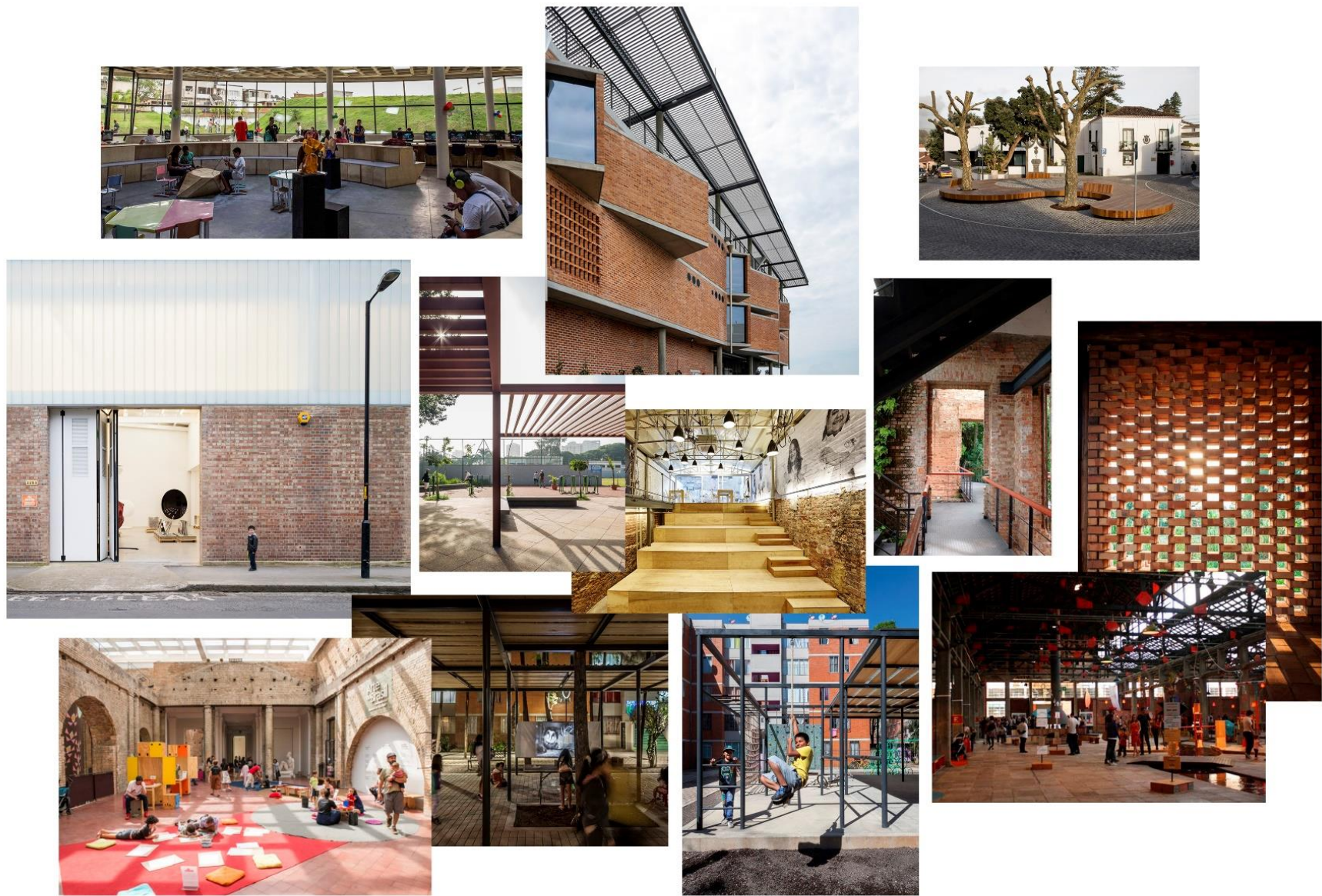


Figura 40: Prancha de composição visual e arquitetônica. FONTE: Autor.

10 - DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

10.1 - Requalificação do espaço livre público

O processo de elaboração da proposta para implementação de um Parque Educativo em Mangueiros seguiu o olhar de fora para dentro que já havia sendo exercido com as análises do território. Como uma das principais premissas do projeto, foi definido que as intervenções propostas deveriam se adaptar às condicionantes identificadas na área, mantendo as estruturas existentes e dinâmicas que se reconfiguraram com o passar do tempo.

Pensou-se então no espaço público como a chave para proporcionar a integração de todo o conjunto, promovendo a apropriação por parte dos usuários. Como indicado no primeiro gesto de projeto representado pelo diagrama de diretrizes (fig. 14), faz-se a realocação da Igreja Assembleia de Deus para o lado oposto da rua, onde passa a dividir espaço com a quadra esportiva existente e retira-se o muro que separa os fundos da Biblioteca do edifício antigo. Dessa forma, ganha-se uma área para maior aproveitamento como espaço público e possibilita a coexistência deste com a instituição religiosa e as demais construções. Destina-se uma área de 17,0m x 9,0m para a reconstrução da igreja e as mesmas dimensões da quadra esportiva existente (aproximadamente 15,0m x 28,0m), porém agora ocupando o terreno no sentido transversal.

Para o projeto do espaço livre público, levou-se em conta o desenho traçado na praça já revitalizada em frente à Biblioteca. A praça do DSUP é constituída por uma área bem maior e já é bem equipada com dispositivos como pista de skate, playground, áreas de descanso, pavimentação, mobiliário urbano, áreas verdes, área molhada e ciclovia. Portanto, buscou-se levar para a área do projeto o mesmo traçado, de forma que criasse uma unidade visual e sensorial entre os dois lados. Utilizando dos mesmos materiais para fazer a

pavimentação, cria-se um percurso contínuo que cruza o terreno paralelamente à edificação. Ao longo desse percurso, são replicados canteiros para o plantio de vegetação rasteira e árvores capazes de proporcionar sombras e melhor conforto térmico para os usuários.

Esse espaço passa a configurar um novo local de interação social, como ponto de encontro e lazer, diretamente relacionado ao espaço interno do Parque Educativo. Com isso, é possível que atividades internas aconteçam do lado de fora, e vice-versa. Como exemplo dessas atividades, prevê-se a implementação de um cinema itinerante, inspirado em movimentos como o Cine Taquara, que possam acontecer do lado de fora com o suporte do Parque. Esse evento teria como ponto de concentração a parcela menor do terreno, junto à fachada Sudeste, mas poderia se espalhar para as demais áreas, a depender do número de participantes.

Para possibilitar essa e outras atividades e formas de apropriação do espaço, propõe-se a distribuição de estruturas modulares pela área, configurando novos espaços de interação. Essas estruturas leves de material metálico teriam dimensões aproximadas de 3m x 3m x 3m, ora cobertas, ora descobertas, podendo-se criar uma malha com o objetivo de tornar extensão do próprio espaço interno do Parque Educativo e poderiam ser replicadas em diversas áreas da comunidade, onde já acontecem outras atividades e eventos, de forma que sirvam de apoio para que essas atividades continuem a ocupar os espaços que já ocupam atualmente.

Além dessas estruturas, prevê-se para a nova praça todo o equipamento público necessário, como bancos, lixeiras e postes de iluminação que possibilitam o uso noturno do espaço com maior sensação de segurança. Com a continuidade dada à ciclovia existente, também se faz necessário um bicicletário para atender quem faz uso desse meio de transporte para chegar até aquela área.



10.2 – Galpão de Triagem

O lixo hoje é um dos maiores problemas sanitários na região de Manguinhos, devido a falta de coleta regular e o descarte inadequado que gera o acúmulo nas ruas e rios.

Diante disso, apresenta-se a implementação de um processo de reciclagem como ferramenta fundamental para reduzir o volume de lixo descartado e os impactos causados ao meio ambiente. A reciclagem tem como benefício, também, a redução do consumo de matéria-prima bruta na indústria, o que preserva recursos naturais do planeta. A etapa inicial desse processo é a triagem de resíduos, que consiste na separação dos materiais que serão destinados para a reciclagem. Os resíduos são separados de acordo com suas características físicas e químicas a fim de gerar maior valor comercial e maior aproveitamento dos materiais descartados.

A criação de um novo centro de triagem de resíduos sólidos em Manguinhos parte da iniciativa da Cooperativa de Catadores que já atuou no local e tem como objetivos principais a conscientização sustentável de toda a comunidade, de forma a educar novos hábitos de tratamento do lixo gerado, e a geração de renda para os moradores que possam encontrar ali uma oportunidade de emprego.



Figura 41: Placa da Cooperativa de Catadores na entrada do silo. FONTE: Autor, 2018.

As etapas de trabalho em um galpão de triagem começa com o recebimento do material a ser separado. Esse material chega através de agentes externos, como caminhões de coleta seletiva da cidade, de catadores independentes ou da separação individual onde cada cidadão separa seu lixo em casa e o entrega nos postos de recebimento. O lixo passa então por uma triagem inicial, onde os operários fazem a separação por tipo em uma esteira mecânica ou bancada e o depositam em tambores específicos. Depois esse material separado é armazenado em baias ou containers maiores, de onde sairão para o processo de prensagem e enfardamento. Esses fardos (material comprimido) são armazenados até atingirem o peso necessário para serem vendidos e transportados para as indústrias recicladoras.

É proposta então a construção do galpão para implementação do programa, ocupando uma área de 200m² ao lado do edifício do Parque. Sua implantação leva em conta a proximidade com a rua já que é necessária uma área de carga e descarga com fácil acesso. Com isso, ganha-se um afastamento de 6m em relação ao edifício do Parque, que será utilizado como pátio para realização de atividades do programa interno.

Em função da sua implantação, o galpão conta com apenas uma área de descarga e expedição de material, o que impede uma organização linear do fluxo de trabalho, como geralmente é feito. Propõe-se então uma organização cíclica de trabalho que começa e termina na mesma extremidade.

Para a área de triagem primária, optou-se pela utilização de bancadas dispostas de forma contínua, reduzindo assim os custos iniciais com maquinário e o volume de rejeitos - material não reciclável - que, segundo guia oferecido pelo Ministério das Cidades (BRASIL, 2008), chegam a ser 20% maiores em processos automatizados. O procedimento manual

promove um ritmo individual de trabalho, com mais minuciosidade de triagem e conseqüentemente, menor quantidade de rejeitos.

Sendo considerado de pequeno/médio porte (UT 3), o Galpão de Manguinhos será capaz de processar de 0,6 a 1 tonelada de material por dia, e para o seu funcionamento conta com 2 prensas, 1 balança, uma empilhadeira e 1 paleteira. Cria-se também um mezanino de apoio aos trabalhadores, com banheiros, copa e armários.

Buscando uma ventilação cruzada constante dentro das áreas de trabalho, são propostas aberturas nas duas faces longitudinais do galpão, com uma parede de blocos vazados dividindo a área de triagem da área de armazenamento, permitindo assim a passagem do ar de um lado para o outro. O ar quente, então, sobe e é expelido por um lanternim na cobertura que promove essa troca de ar em toda a extensão do galpão. O máximo aproveitamento da iluminação natural também é priorizado no projeto, proporcionado por painéis de policarbonato alveolar como fechamento superior do bloco, que permitem a entrada de luz mas oferecem proteção aos raios UV.

10.3 – Requalificação do antigo silo

A proposta de intervenção no edifício degradado do antigo Depósito de Suprimentos do Exército segue a linha de pensamento que busca manter a estrutura existente e a preservação da história da região.

A composição formal da construção é constituída por um agrupamento de vários volumes que colocam em dúvida o que é original e o que foi modificado. Ocupando uma área de 45,0m x 17,5m e altura de 18,8m, considerando o ponto mais alto, o edifício sugere uma simetria, mas que,

provavelmente devido às alterações feitas com o passar do tempo, não acontece.

Devido ao caráter robusto e muito compartimentado da construção, a distribuição do programa - elaborado a partir do estudo dos Parques Educativos instaurados na Colômbia e demais projetos precedentes apresentados - procurou preencher todas as áreas, porém gerando espaços centrais versáteis que poderiam se transformar conforme a atividade proposta. Essa é uma característica marcante dos parques educativos, onde os espaços não devem ser engessados e sim possibilitar diversas formas de apropriação e usos.

Para favorecer maior integração com o espaço público e assumir esse "outro lado" da região como parte do conjunto, propõe-se o deslocamento da entrada principal do edifício para a fachada - hoje - lateral. Desta forma, o edifício ganha uma praça como portal de entrada, tornando-se mais convidativo aos usuários.

No térreo, foram distribuídas as áreas técnicas e administrativas do Parque Educativo, onde o acesso principal se dá através de uma área de recepção controlada que dá em uma extensa área livre a ser ocupada como espaço de exposição. Nas quatro torres que se estendem por todos os pavimentos do edifício, foram inseridos os banheiros e as caixas de circulação vertical, que se repetem nos pavimentos. O pavimento de chegada conta também com áreas livres de estar com mobiliário solto e versátil, uma cantina para venda de lanches e refeições rápidas e a Cozinha Educativa, que irá promover atividades de conscientização sobre os aspectos nutricionais dos alimentos e trabalhos com resíduos, integrada a um pátio onde se propõe a criação de uma pequena horta e atividades envolvendo o processo de compostagem.

Respondendo a uma das primeiras premissas de projeto que era a conexão direta com a Biblioteca Parque, criou-se uma midiateca, servindo

como área de extensão do seu acervo e com a implementação das mídias digitais como formas de registros de informação, dando acesso direto (e controlado) à Biblioteca e unindo os dois edifícios.

No primeiro pavimento, aproveitou-se das estruturas dos silos para a conversão em pequenas salas. E para melhor aproveitamento da área circular dessas salas, foi proposto um mobiliário adaptável que permite diversas configurações. Tendo a vantagem de um pé direito duplo neste pavimento, propôs-se ainda a criação de um mezanino para aumentar a quantidade do número de salas, totalizando 8 salas para aulas diversas, 1 sala de reunião, 1 sala para guarda de equipamentos, 4 salas multimídia equipadas com computadores e outros eletrônicos e 2 salas para instalação das sedes dos grupos socioculturais atuantes na comunidade e demais veículos de comunicação locais. Além disso, ganhou-se também uma varanda no pavimento intermediário que favorece a iluminação e ventilação dentro do edifício.

No segundo pavimento, o espaço central é ocupado por uma instalação de painéis móveis que possibilitam a configuração de ateliês multiusos para realização de oficinas e atividades que envolvem movimento, como dança e teatro. Além disso, cria-se também uma sala de apresentações fechada com uma pequena arquibancada para acomodação de mais pessoas.

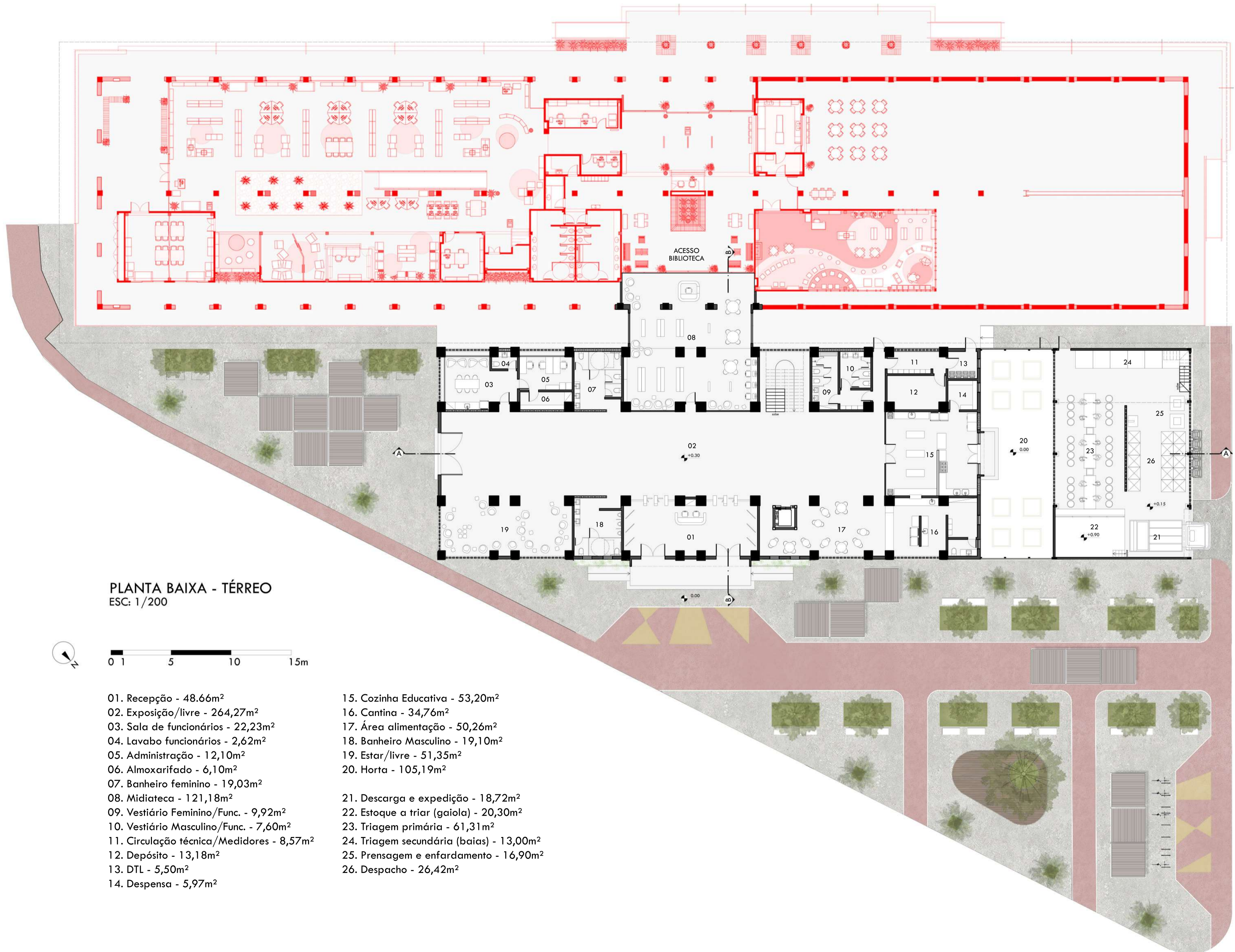
Por último, cria-se um acesso à cobertura do edifício, antes inutilizada, e que agora passa a configurar um terraço aberto para a realização de eventos e funcionar como área de convivência. Para filtrar a incidência do sol em uma parte e marcar bem a intervenção no edifício, o terraço recebe uma cobertura construída em estrutura metálica leve e vazada, contrastando com o volume maciço do edifício.

Dessa forma, o Parque Educativo de Manguinhos busca atender as demandas da região como centro de fomentação da educação e da

cultura, funcionando em parceria com as escolas e instituições atuantes, se tornando um novo local de convivência coletiva, resgatando o sentimento de afetividade e abraçando os movimentos atuantes com a instauração de um local de base para que suas atividades continuem sendo realizadas como forma de ocupação da favela.

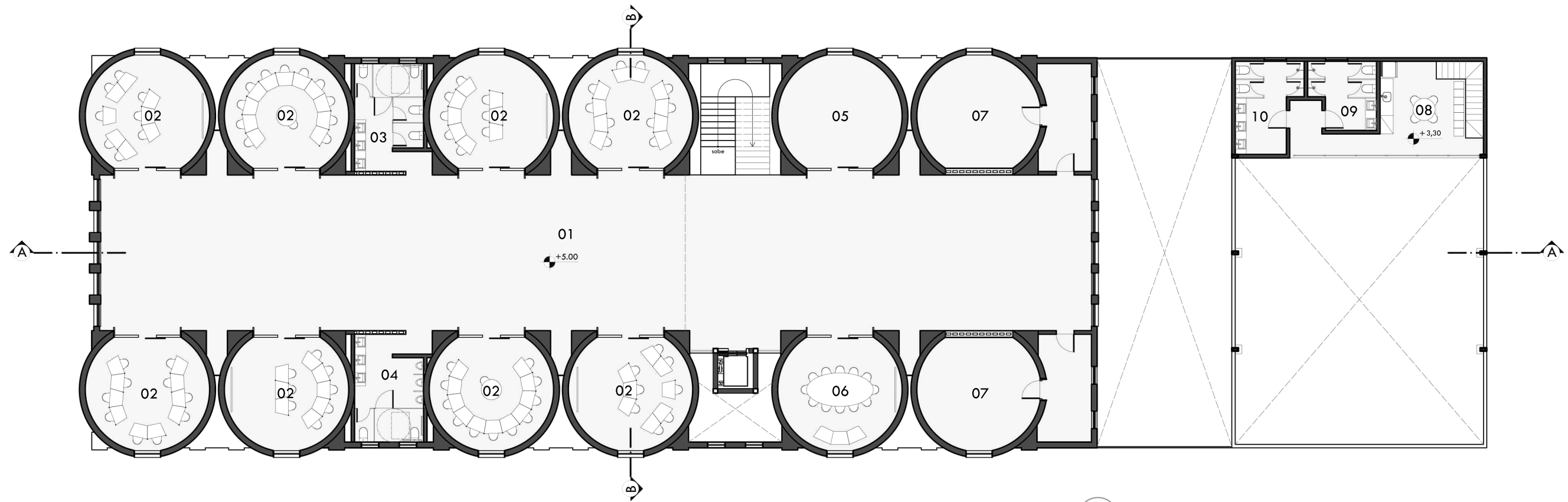
II - APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA





PLANTA BAIXA - TÉRREO
 ESC: 1/200

- | | |
|---|--|
| 01. Recepção - 48,66m ² | 15. Cozinha Educativa - 53,20m ² |
| 02. Exposição/livre - 264,27m ² | 16. Cantina - 34,76m ² |
| 03. Sala de funcionários - 22,23m ² | 17. Área alimentação - 50,26m ² |
| 04. Lavabo funcionários - 2,62m ² | 18. Banheiro Masculino - 19,10m ² |
| 05. Administração - 12,10m ² | 19. Estar/livre - 51,35m ² |
| 06. Almojarifado - 6,10m ² | 20. Horta - 105,19m ² |
| 07. Banheiro feminino - 19,03m ² | |
| 08. Mídioteca - 121,18m ² | 21. Descarga e expedição - 18,72m ² |
| 09. Vestiário Feminino/Func. - 9,92m ² | 22. Estoque a triar (gaiola) - 20,30m ² |
| 10. Vestiário Masculino/Func. - 7,60m ² | 23. Triagem primária - 61,31m ² |
| 11. Circulação técnica/Medidores - 8,57m ² | 24. Triagem secundária (baias) - 13,00m ² |
| 12. Depósito - 13,18m ² | 25. Prensagem e enfiamento - 16,90m ² |
| 13. DTL - 5,50m ² | 26. Despacho - 26,42m ² |
| 14. Despensa - 5,97m ² | |

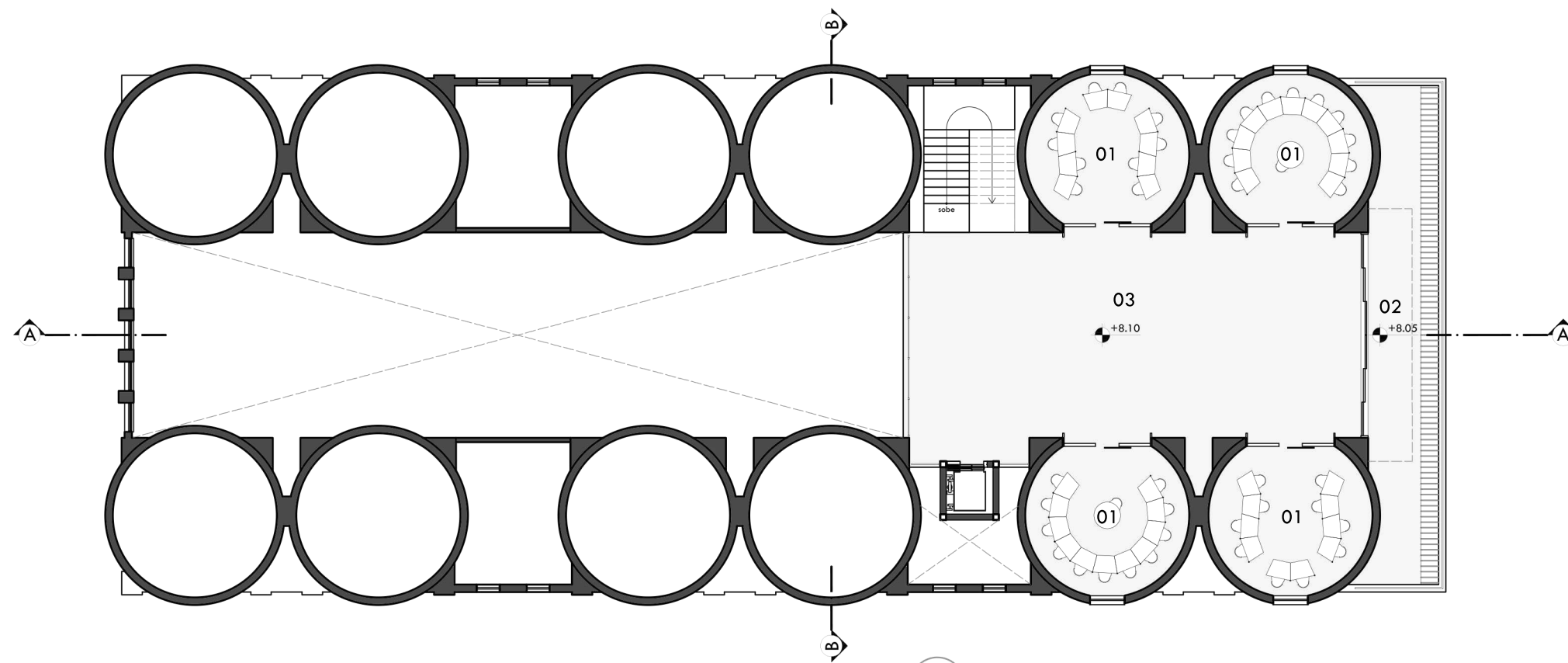


PLANTA BAIXA - 1º PAV
 ESC: 1/200



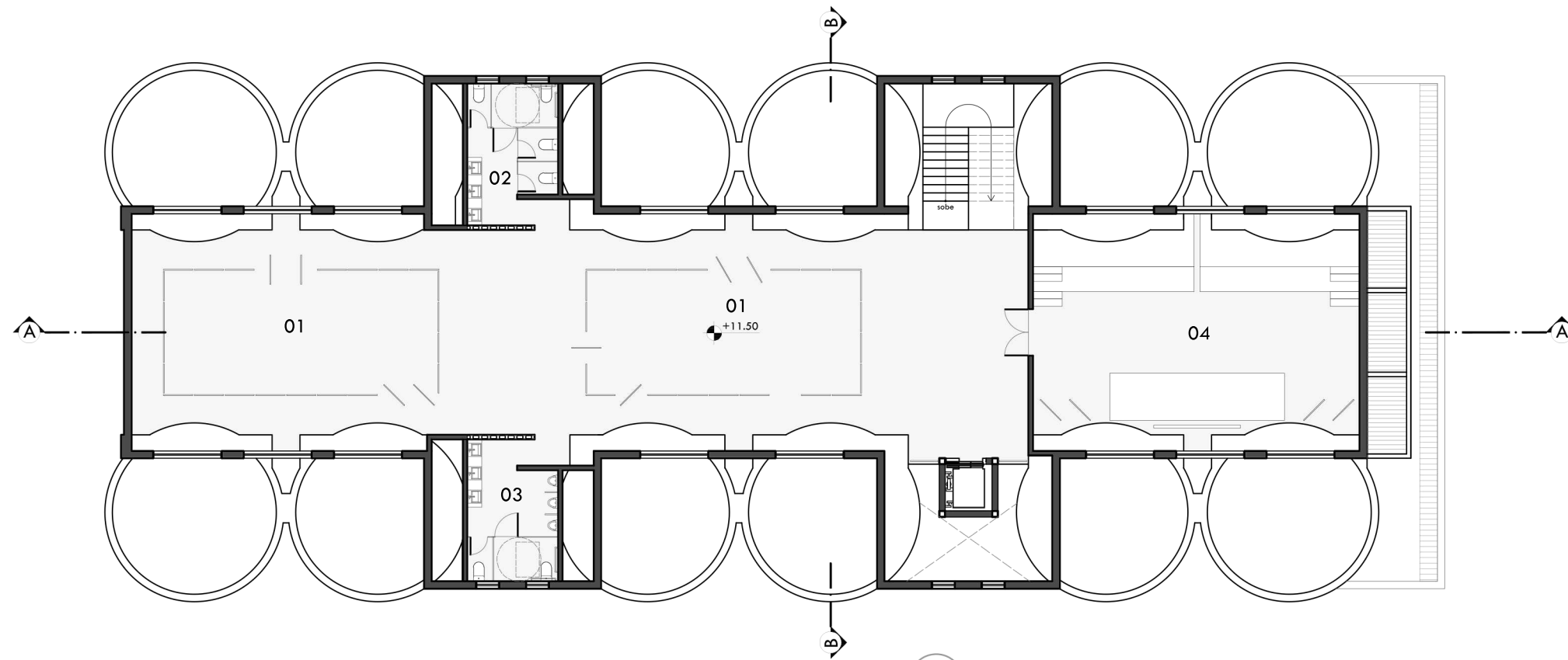
- 01. Exposição/livre - 329,75m²
- 02. Sala de aula - 23,75m²
- 03. Banheiro feminino - 15,50m²
- 04. Banheiro masculino - 15,50m²
- 05. Sala de equipamentos - 23,75m²
- 06. Sala de reuniões - 23,75m²
- 07. Espaço Comunidade - 34,65m²

- 08. Copa - 20,15m²
- 09. Banheiro masculino - 8,43m²
- 10. Banheiro feminino - 10,90m²



PLANTA BAIXA - MEZANINO
 ESC: 1/200

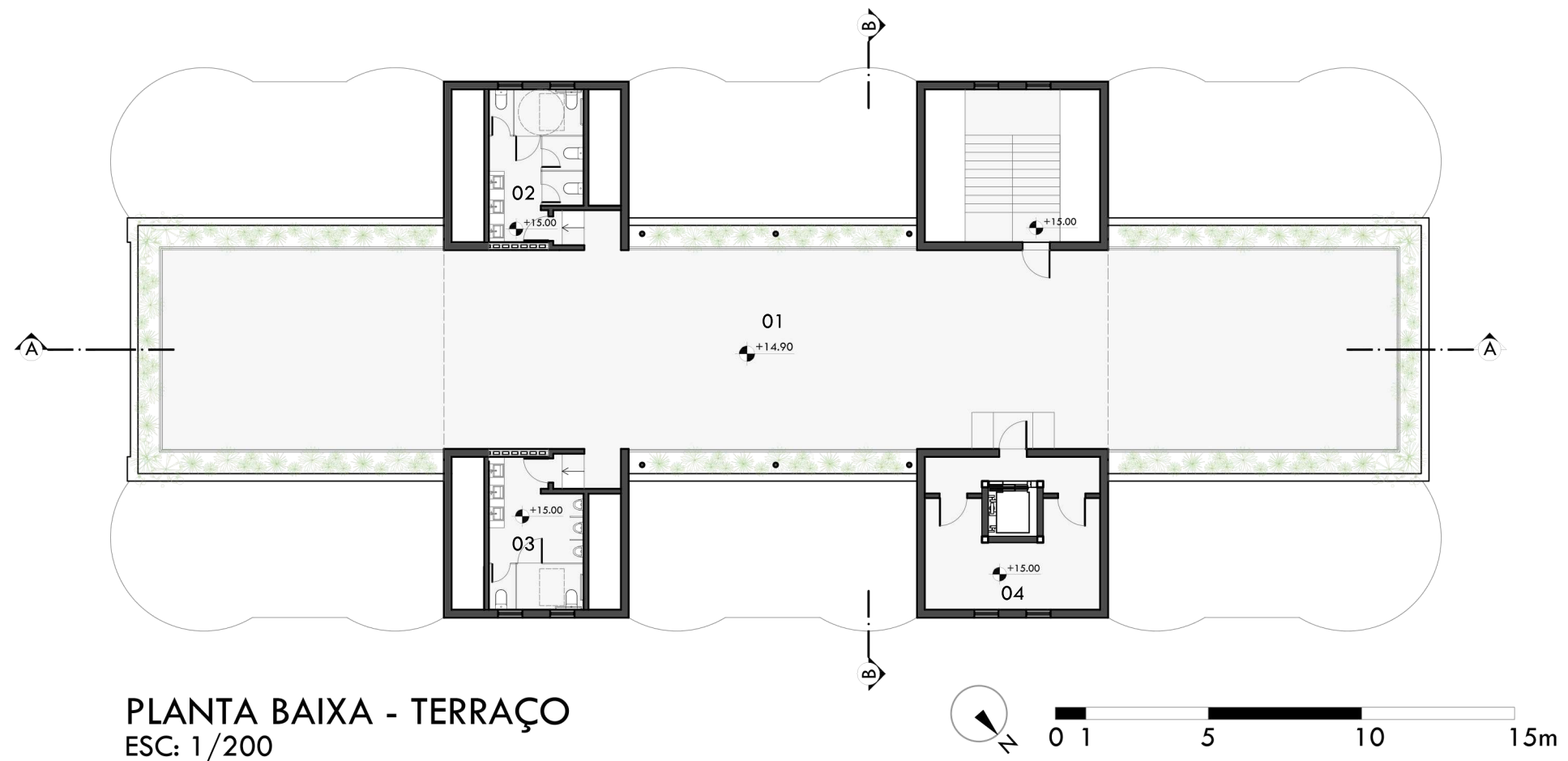
- 01. Sala multimídia - 23,75m²
- 02. Varanda - 45,68m²
- 03. Espaço multimídia
 (Expansão) - 109,20m²



PLANTA BAIXA - 2º PAV
ESC: 1/200

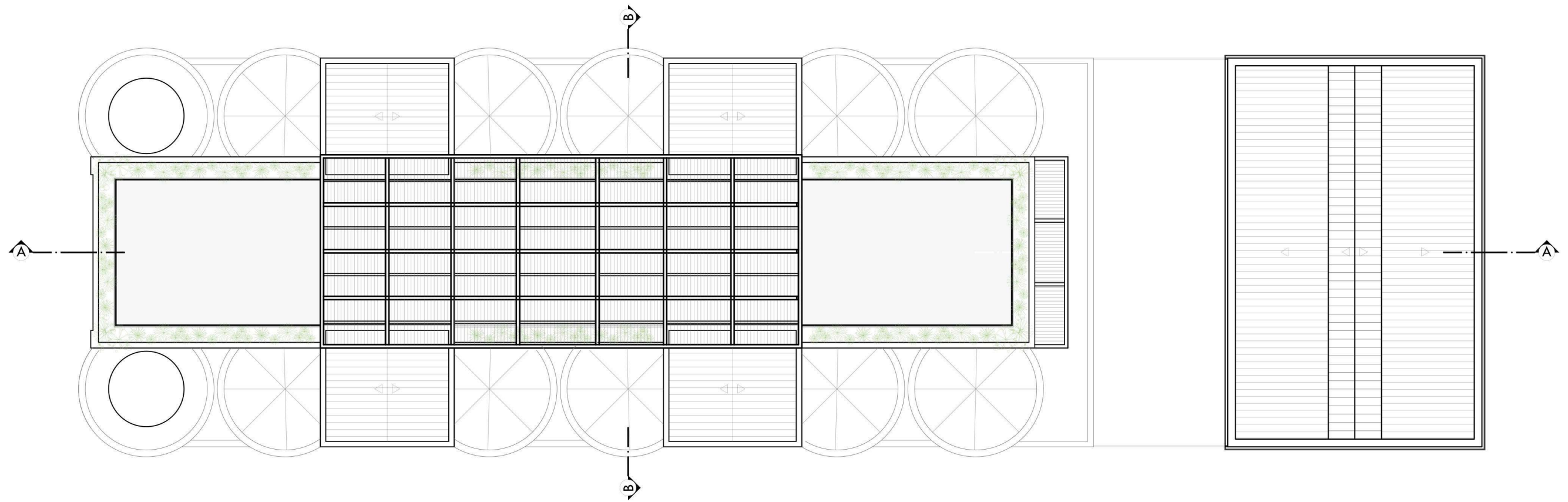


- 01. Ateliê multiuso - 40,51m²
- 02. Banheiro feminino - 14,10m²
- 03. Banheiro masculino - 14,10m²
- 04. Sala de apresentações - 90,31m²

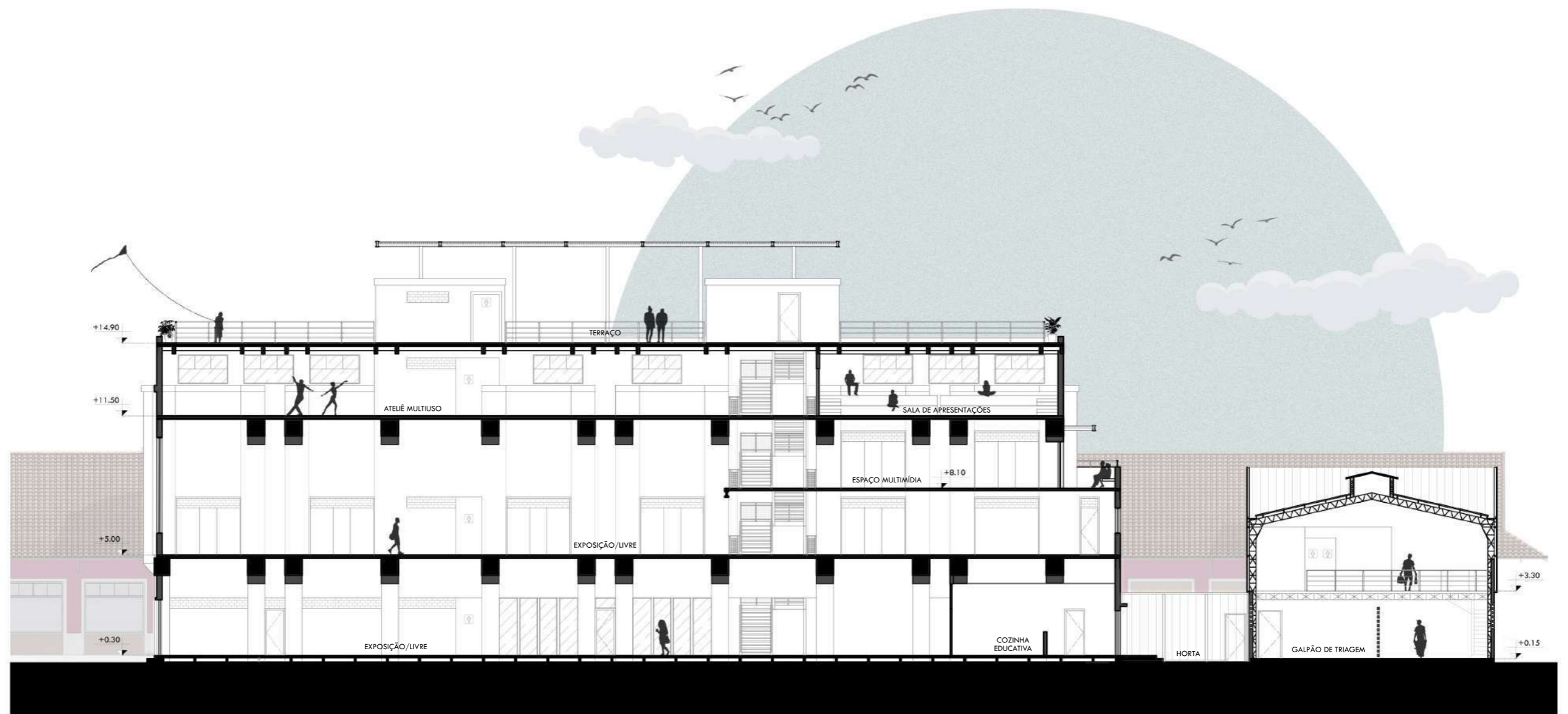


PLANTA BAIXA - TERRAÇO
 ESC: 1/200

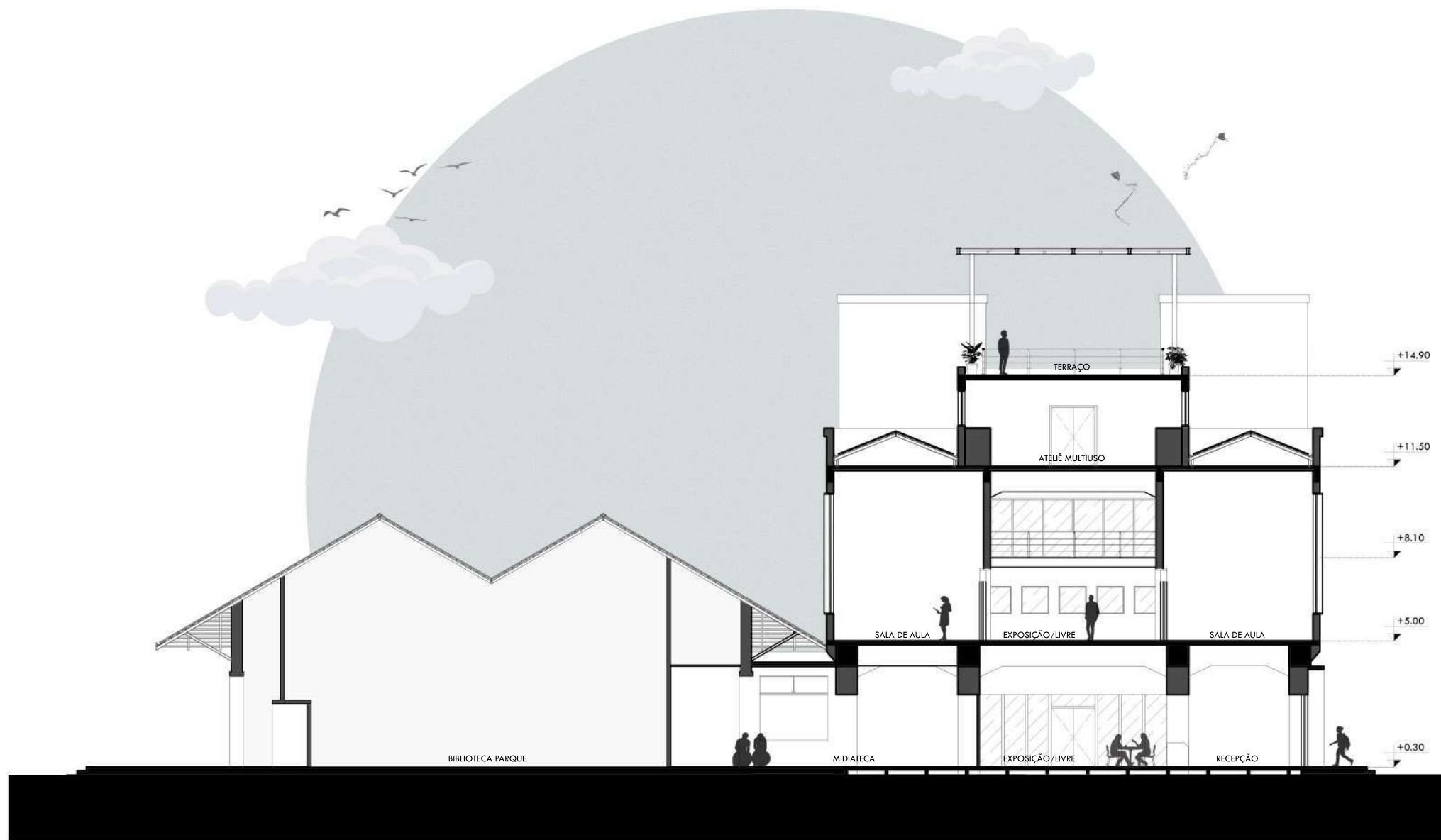
- 01. Terraço - 321,29m²
- 02. Banheiro feminino - 14,10m²
- 03. Banheiro masculino - 14,10m²
- 04. Depósito - 18,0m²



PLANTA DE COBERTURA
ESC: 1/200



CORTE AA
ESC: 1/200



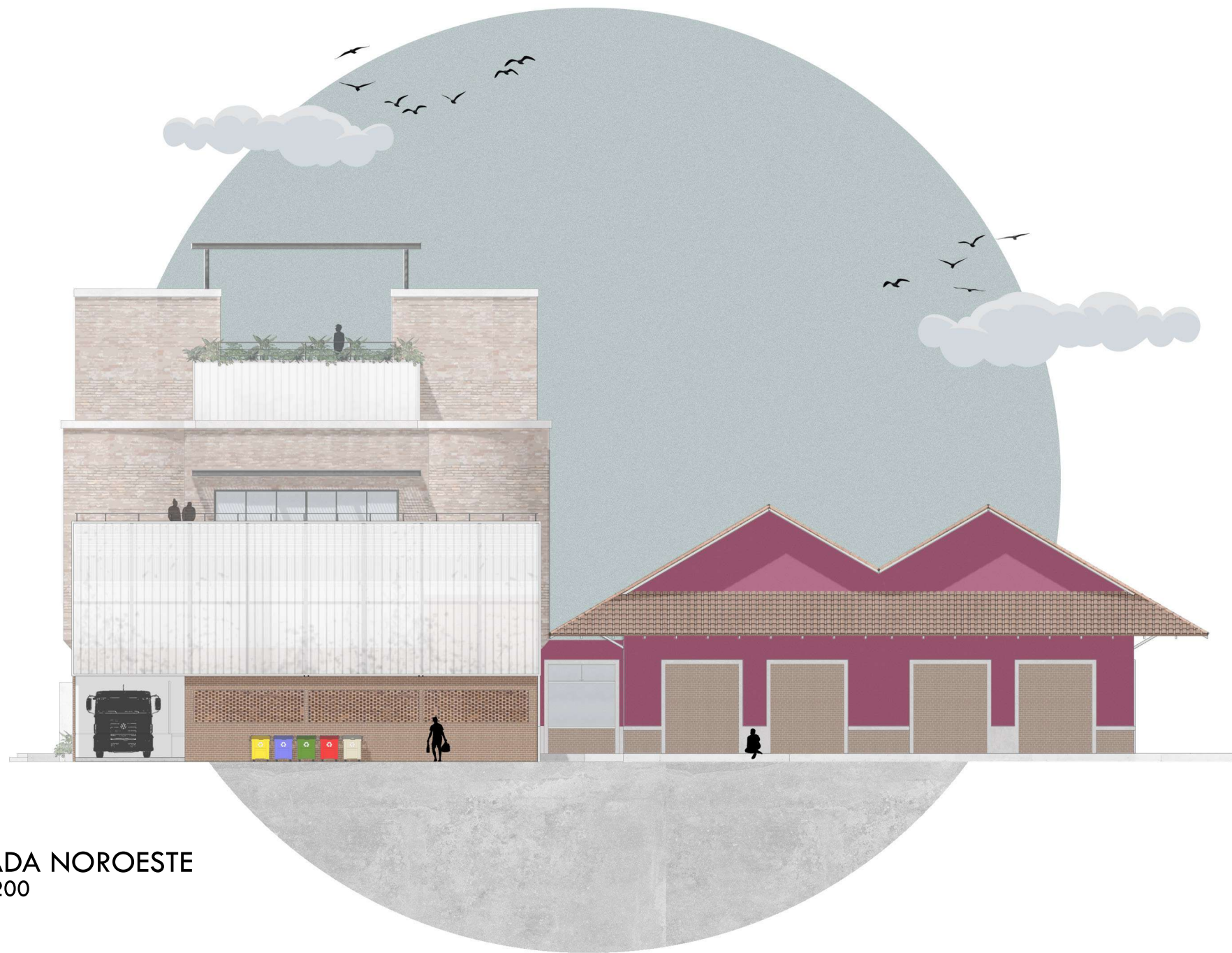
CORTE BB
ESC: 1/200



FACHADA NORDESTE
ESC: 1/200



FACHADA SUDESTE
ESC: 1/200



FACHADA NOROESTE
ESC: 1/200

ANTES



Figura 42: Divisa Biblioteca.
FONTE: Giselle Arteiro.

PROPOSTA



Figura 43: Nova ligação proposta.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

ANTES



Figura 44: Estrutura interna do silo, pavimento térreo.
FONTE: Autor, 2018.

PROPOSTA



Figura 45: Área de exposição.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

ANTES



Figura 46: Cobertura do silo.
FONTE: Perfil do Facebook.

PROPOSTA



Figura 47: Novo terraço.
FONTE: Elaboração do autor, 2021 .

ANTES



Figura 48: Estrutura interna do silo, 2º pavimento.
FONTE: Sociedade Militar, 2019.

PROPOSTA



Figura 49: Sala de apresentações.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

ANTES



Figura 50: Fachada e espaço externo.
FONTE: Autor, 2018.

PROPOSTA



Figura 51: Nova praça.
FONTE: Elaboração do autor, 2021.

12- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LAMOUNIER, A. A.; TANGARI, V. R. . **Atmosferas de Preferência em regiões periféricas de conflitos e vulnerabilidade socioambiental: o Sistema de Espaços Livres na 'Faixa de Gaza Carioca'** - Manguinhos, Rio de Janeiro-RJ. In: XIV Colóquio QUAPÁ-SEL - sistemas de espaços livres: bases conceituais e metodológicas, 2020, Campos dos Goytacazes. Anais do XIV Colóquio QUAPÁ-SEL - sistemas de espaços livres: bases conceituais e metodológicas, 2020. v. 01. p. 01-20.
- AZEVEDO, Giselle Arteiro; TÂNGARI, Vera Regina; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (org.). **Do espaço escolar ao território educativo: o lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade.** Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2016.
- SINGER, Helena (org.). **Territórios Educativos: Experiências em diálogo com o Bairro-Escola.** São Paulo: Moderna, 2015. - (Coleção territórios educativos; v. 2)
- PIVETTA, Fátima; ZANCAN, Lenira; GUIMARÃES, Gleide (org.). **PAC Manguinhos: um relato fotográfico 2008-2010.** Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 2012.
- FERNANDES, Tania Maria; COSTA, Renato Gama-Rosa. As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Tempo.** Rio de Janeiro, vol. 17, n. 34, p. 117-133, jan./jun. 2013.
- RIBEIRO, Priscilla Bonini. **Educação para reduzir as desigualdades sociais.** Disponível em: (<https://direcionalescolas.com.br/educacao-para-reduzir-as-desigualdades-sociais/>). Acesso em: 04 jan. 2021.
- FENIZOLA, Luisa. **Roda do Pac'Stão em Manguinhos: 'Por Amor à Cultura', Pela Ressignificação do PAC e em Resistência à Violência.** Disponível em: (<https://rioonwatch.org.br/?p=41892>). Acesso em: 04 jan. 2021.
- POPULAÇÃO.NET - População Manguinhos – Rio de Janeiro. Disponível em: (http://populacao.net.br/populacao-manguinhos_rio-de-janeiro_rj.html). Acesso em: 04 jan. 2021.
- TEIXEIRA, Anísio. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v.38, n.87, p.21-33, jul./set. 1962. Disponível em: (www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm). Acesso em: 13 fev. 2021.

AZEVEDO, Rodrigo. Escolas parque: por que o modelo pensado por Anísio Teixeira não deu certo. **Gazeta do Povo**, 05 jan. 2018. Disponível em: (<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/escolas-parque-por-que-o-modelo-pensado-por-anisio-teixeira-nao-deu-certo-bf2rpd9rvhgsrv2nlx6w40its/>). Acesso em: 13 fev. 2021.

MURCIA, Bernard. Você conhece as Naves do Conhecimento? **Agência UVA**, 19 mai. 2018. Disponível em: (<https://agenciauva.net/2018/05/29/voce-conhece-as-naves-do-conhecimento/>). Acesso em: 13 fev. 2021.

NAVE do Conhecimento. **Architizer**, 2014. Disponível em: (<https://architizer.com/projects/nave-do-conhecimento-knowledge-ship/>). Acesso em: 13 fev. 2021.

Parque Educativo de Remédios / Relieve Arquitetura. **ArchDaily Brasil**, 24 set. 2017. Disponível em: (<https://www.archdaily.com.br/br/880067/parque-educativo-de-remedios-relieve-arquitetura>) Acesso em: 14 fev. 2021.

BARAYA, Santiago. Parques educativos na Colômbia: 13 exemplos de infraestruturas educacionais. **ArchDaily Brasil**, 30 jan. 2020. Disponível em: (<https://www.archdaily.com.br/br/932589/parques-educativos-na-colombia-13-exemplos-de-infraestruturas-educacionais>). Acesso em: 14 fev. 2021.

COELHO, Layane. A cultura da favela como ferramenta de transformação social. **Voz das comunidades**, 2018. Disponível em: (<https://www.vozdascomunidades.com.br/brasil/31826/>) Acesso em: 14 fev. 2021.

CASA AMARELA. **Can Art Change the World?** Sobre nós. Disponível em: (<http://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/sobre-nos>). Acesso em: 14 fev. 2021.

GOMES, Leandro. A falta de acesso à cultura na sociedade brasileira. **Medium Brasil**, 26 nov. 2016. Disponível em: (<https://medium.com/@leandrogomes/a-falta-de-acesso-%C3%A0-cultura-na-sociedade-brasileira-b16e81ddf09>) Acesso em 14 fev. 2021.

BARBOSA, J. L. A favela na cena da cultura urbana do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura, UERJ**. Rio de Janeiro, n. 36, p. 217-234, jul./dez. 2014. Disponível em: (<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18935>) Acesso em 14 fev. 2021.

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Observatório de Favelas**, 2021. Projeto Solos Culturais. Disponível em: (<http://of.org.br/projetos/cultura-projetos/solos-culturais/>). Acesso em: 14 fev. 2021.

SELDIN, Claudia; VAZ, Lilian Fessler; BARROS, Caio César de Azevedo; COSTA, Pedro Vitor Ribeiro; GAVINHO, Thomas Ilg. **A resistência em espaços resultantes dos megaeventos Apropriações insólitas através da cultura**. Anais do XVIII Enanpur. Natal, EDUFRRN, 27-31 mai. 2019.

Disponível em:

(<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/21.241/7776>) Acesso em: 14 fev. 2021.

DAFOL, Charlotte. Um ano de Cine Taquara: “É TUDO NOSSO!”. **Agência de Notícias das Favelas**, 16 out. 2018. Disponível em:

(<https://www.anf.org.br/um-ano-de-cine-taquara-e-tudo-nosso/>)

Acesso em: 14 fev. 2021.

CAPILLÉ, Cauê. Arquitetura como dispositivo político. **Revista Prumo**, [S.l.], v. 2, n. 3, jul. 2017. ISSN 2446-7340. Disponível em:

(<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/325>)

Acesso em: 14 fev. 2021.

CARVALHO, Everton; LEON, Angelica; MARINHO, Rodrigo.

Experiências das Bibliotecas Parque na América do Sul: Casos do Brasil e da Colômbia, 01 ago. 2013. Disponível em:

(<http://abides.org.br/experiencias-das-bibliotecas-parque-na-america-do-sul-casos-do-brasil-e-da-colombia/>) Acesso em: 14 fev. 2021.

LIMA, Patrícia. Horta de Manguinhos produz 2 toneladas de alimentos por mês. **Diário o Rio**, 17 fev. 2021. Disponível em:

(<https://diariodorio.com/horta-de-manguinhos-produz-2-toneladas-de-alimentos-por-mes/>). Acesso em: 17 fev. 2021.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. Numa velha fábrica de tambores - Sesc Pompeia comemora 25 anos. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 08, n. 093.01, Vitruvius, abr. 2008. Disponível em:

(<https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>).

Acesso em: 21 jul. 2021.

Parque Educativo Mi Yuma / Plan:b arquitectos. **ArchDaily Brasil**, 11 Jul 2016. Disponível em:

(<https://www.archdaily.com.br/br/791150/parque-educativo-mi-yuma-plan-b-arquitectos>). Acesso em: 21 jul. 2021.

ARELLANO, Mónica. Recuperação de espaços públicos em complexo habitacional mexicano ganha o Prêmio MCHAP 2018 para Arquitetura Emergente. 13 Abr 2018. **ArchDaily Brasil**. (Trad. Souza, Eduardo).

Disponível em: (<https://www.archdaily.com.br/br/892539/recuperacao-de-espacos-publicos-em-complexo-habitacional-mexicano-ganha-o-premio-mchap-2018-para-arquitetura-emergente>) Acesso em: 21 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Emanuela; BERMUDEZ, Myllena. Triagem de Resíduos: Primeiro passo para a reciclagem. **Biocorp**, 18 dez. 2019. Disponível em:

(<https://biocomp.com.br/triagem-de-residuos-primeiro-passo-para-a-reciclagem/>) Acesso em: 24 jul. 2021.

BRASIL. Ministério das Cidades. Ministério do Meio Ambiente. **Elementos para a organização da coleta seletiva e projeto dos galpões de triagem**, Brasília, DF, 2008. Disponível em: (<https://smastr16.blob.core.windows.net/municpioverdeazul/2016/07/rs5-coleta-seletiva-mma.pdf>). Acesso em: 24 jul. 2021.

CoopcentTV. Um dia na vida de uma cooperativa de catadores. **YouTube**, 04 jun. 2013. Disponível em: (<https://youtu.be/a1Efw9KcAU>) Acesso em: 25 jul. 2021.

Somos do Mar. Como é uma cooperativa de reciclagem - COOPERFOZ ITAJAÍ – SC. **YouTube**, 14 jul. 2020. Disponível em: (https://www.youtube.com/watch?v=z6CYPcnuOXU&ab_channel=SomosdoMar) Acesso em: 25 jul. 2021.